

Revista **1ª EVOLUÇÃO**

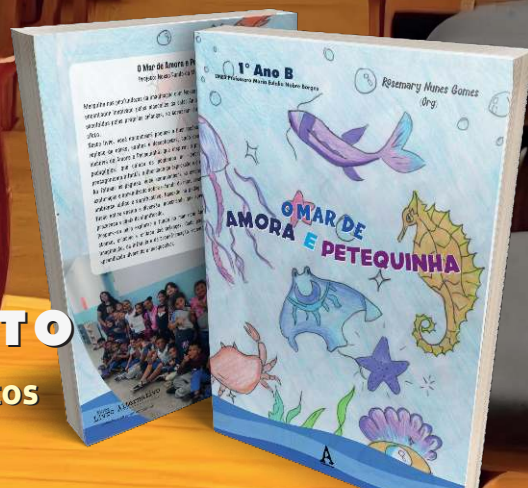


Yara Amanda de Jesus Abreu

RESPIRANDO MÚSICA:
Cantos e encantos dessa Arte na escola



LANÇAMENTO
Pedagogia de Projetos



Filada à:
ABEC BRASIL
Associação Brasileira de Escolas Católicas



Publicação Oficial
do Conselho
Nacional
de Educação



Platform &
workflow by
OJS / PKP

www.primeiraevolucao.com.br

Coordenaram esta edição: Manuel Francisco Neto / Vilma Maria da Silva

Organização: Vilma Maria da Silva

<https://primeiraevolucao.com.br>



<https://doi.org/10.52078/issn2675-2573.rpe.56>

Editor Responsável: Antônio Raimundo Pereira Medrado
Editor correspondente (ANGOLA): Manuel Francisco Neto

Coordenação editorial:

Ana Paula de Lima
Andreia Fernandes de Souza
Antônio Raimundo Pereira Medrado
Isac Chateaneuf
José Wilton dos Santos
Manuel Francisco Neto
Vilma Maria da Silva

Com. de Avaliação e Leitura:

Prof. Dr. Adeílson Batista Lins
Prof. Me. Alexandre Passos Bitencourt
Profa. Esp. Ana Paula de Lima
Profa. Dra. Andreia Fernandes de Souza
Profa. Dra. Denise Mak
Prof. Dr. Isac Chateaneuf
Prof. Dr. Manuel Francisco Neto
Profa. Ma. Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco
Profa. Esp. Mirella Clerici Loayza
Profa. Dra. Thaís Thomaz Bovo

Bibliotecária:

Patrícia Martins da Silva Rede

Colunistas:

Prof. Dr. Adeílson Batista Lins
Prof. Dr. Isac Chateaneuf
Profa. Cleia Teixeira
Prof. José Wilton dos Santos

Edição, Web-edição e projetos:

Antonio Raimundo Pereira Medrado
Lee Anthony Medrado
Vilma Maria da Silva

Contatos

Tel. 55(11) 99543-5703
Whatsapp: 55(11) 99543-5703
primeiraevolucao@gmail.com (S. Paulo)
netomanuefrancisco@gmail.com (Luanda)
<https://primeiraevolucao.com.br>

Imagens, fotos, vetores etc:

<https://publicdomainvectors.org/>
<https://pixabay.com>
<https://www.pngwing.com>
<https://br.freepik.com>

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Revista Primeira Evolução [recurso eletrônico] / [Editor] Antonio Raimundo Pereira Medrado. – ano 5, n. 56 (dez. 2024). – São Paulo : Edições Livro Alternativo, 2024. 72 p. : il. color

Bibliografia

Publicação contínua desde 2020.

Bimestral

e-ISSN 2675-2573

Disponível apenas online.

Modo de acesso: <https://primeiraevolucao.com.br>

DOI 10.52078/issn2673-2573.rpe.56

1. Educação – Periódicos. 2. Pedagogia – Periódicos. I. Medrado, Antonio Raimundo Pereira, editor. II. Título.

CDD 22. ed. 370.5

Patrícia Martins da Silva Rede – Bibliotecária – CRB-8/5877

Colaboradores voluntários em:



São Paulo | 2024

Publicada no Brasil por:

**Edições
Livro Alternativo**
CNPJ: 28.657.494/0001-09

05 EDITORIAL

Antônio R. P. Medrado

7 DESTAQUE

YARA AMANDA DE JESUS ABREU

RESPIRANDO MÚSICA: Cantos e encantos dessa Arte na escola

06 Catalog'Art; Naveg'Ações de Estudantes

Isac Chateauneuf

17 Ciência, Tecnologia & Sociedade

Adeilson Batista Lins

19 POIESIS

J. Wilton

SUMÁRIO



ARTIGOS

1. AS RELAÇÕES ÉTNICOS RACIAIS E O DEBATE SOBRE A CULTURA AFRO BRASILEIRA NA EDUCAÇÃO

DAMARES FLORIANO NUNES GONÇALVES

21

2. O USO DA ESCRITA EM BRAILLE

EDNEIA MACHADO DE ALCÂNTARA

29

3. AS PROPOSTAS DE EDUCAÇÃO MUSICAL PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL

FABIANA MARIA ALVES SOLLA DI LESSOLO

37

4. SENTINDO A ANIMAÇÃO: STOP MOTION PARA ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA VISUAL

MARIANA MOI BONFIM JONGBLOETS

45

5. AS INTERVENÇÕES DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA

MARILENA WACKLER

49

6. O FEMINISMO NEGRO: UMA DISCUSSÃO A PARTIR DAS OBRAS DA BELL HOOKS

VANDERSON CRISTIANO DE SOUSA

57

7. O DESENHO E AS INTERVENÇÕES DA PSICOPEDAGOGIA

WIVIAN LINARES DE SOUZA

65

**ESTA REVISTA É MANTIDA E FINANCIADA POR PROFESSORAS E PROFESSORES.
SUA DISTRIBUIÇÃO É, E SEMPRE SERÁ, LIVRE E GRATUITA.**

A **REVISTA PRIMEIRA EVOLUÇÃO** é um projeto editorial idealizado pela **Edições Livro Alternativo** com o objetivo de **empoderar e inspirar educadores** na jornada de compartilhar suas pesquisas, estudos, experiências e relatos de vivências.

UM CORPO EDITORIAL DE EXCELÊNCIA:

Nossa equipe conta com especialistas, mestres e doutores(as), todos com vasta experiência na rede pública de ensino, além de profissionais experientes nas áreas do livro e da tecnologia da informação. Essa expertise garante a qualidade e o rigor científico das publicações da revista.

INDEPENDÊNCIA E AUTONOMIA:

Um dos nossos diferenciais é a total independência, viabilizada pelo **financiamento colaborativo de professores e professoras**. Essa autonomia nos permite defender a liberdade de expressão e a diversidade de ideias, priorizando a qualidade dos conteúdos e o impacto positivo na educação.

PROPÓSITOS QUE IMPULSIONAM A TRANSFORMAÇÃO:

- **Promover o debate** crítico e reflexivo sobre os diversos aspectos da educação, com base nas vivências, pesquisas, estudos e experiências dos profissionais da área;
- **Proporcionar a publicação** de livros, artigos e ensaios que contribuam para o aprimoramento da educação e o desenvolvimento profissional dos educadores;
- **Apoiar a publicação** de obras de autores independentes, democratizando o acesso à informação e promovendo a diversidade de vozes;
- **Incentivar o uso de softwares livres** na produção de materiais didáticos e na difusão do conhecimento, promovendo a inclusão digital e a redução de custos;
- **Fomentar a produção de livros** por professores e autores independentes, reconhecendo e valorizando a experiência e o saber dos profissionais da educação;

PRINCÍPIOS QUE GUIAM A NOSSA ATUAÇÃO:

- **Priorizar trabalhos voltados para a educação**, cultura e produções independentes, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e democrática;
- **Utilizar exclusivamente softwares livres** na produção de livros, revistas e materiais de divulgação, promovendo a transparência, a colaboração e a acessibilidade;
- **Incentivar a produção de obras coletivas** por profissionais da educação, fomentando a colaboração e o compartilhamento de conhecimentos;
- **Publicar e divulgar livros de professores** e autores independentes, valorizando a diversidade de vozes e perspectivas na educação;
- **Respeitar a liberdade e autonomia** dos autores, garantindo a originalidade e a autenticidade das obras publicadas;
- **Combater o despotismo, o preconceito e a superstição**, defendendo os valores da democracia, da tolerância e do respeito à diversidade;
- **Promover a diversidade e a inclusão**, valorizando as diferentes culturas, identidades e experiências presentes na comunidade educacional.

A **REVISTA PRIMEIRA EVOLUÇÃO** é mais do que uma revista, é um movimento pela transformação da educação, um espaço para a colaboração, o aprendizado e a inovação.

Junte-se a nós e faça parte da construção de um futuro mais promissor para a educação!

Filiada à: _____



Produzida exclusivamente com utilização de softwares livres



EDITORIAL

FELIZ 2025: UM NOVO CICLO, NOVAS CONQUISTAS

Com esta edição, encerramos mais um ano de desafios, aprendizados e conquistas. A revista Primeira Evolução chega à sua 56ª edição com o orgulho de trazer contribuições valiosas à educação e à cultura.

Neste encerramento de 2024, destacamos a importância do conhecimento como pilar para transformar vidas. Nossos artigos refletem debates relevantes sobre educação e trazem inspirações como a trajetória brilhante da instrumentista Yara Amanda de Jesus Abreu, cuja história é um convite a sonhar alto e cultivar a arte com paixão.

Que 2025 seja um ano de realizações, crescimento e evolução para todos. Que a força do conhecimento e o poder da criatividade nos guiem a novos horizontes, sempre com a esperança como aliada.

Agradecemos a você, que nos acompanha e nos inspira a seguir firmes nesta jornada. Que o novo ano traga a cada um novas oportunidades e conquistas plenas.

Um feliz e próspero 2025!

Os editores

IMERSÃO PELOS FILMES, IMERSÃO PELO DESENHO DA CRIANÇA

A infância é um portal para mundos fantásticos, e o desenho se torna o principal meio pelo qual as crianças expressam sua imersão nesses universos. Essa conexão profunda entre o imaginário infantil e as produções fílmicas torna-se evidente ao analisarmos os desenhos de crianças do segundo ano do ensino fundamental I, inspirados por séries animadas como Hora da Aventura e Demon Slayer.

As obras que fazem, quando lhes é proposto que desenhem seus personagens preferidos saindo da TV para viverem em sua realidade, exaltam esse universo e manifestam o quanto absorvem e ressignificam esses mundos para fazerem parte de sua criação.

Essas produções mostram como os filmes e desenhos animados não apenas entretêm, mas pavimentam caminhos para a criatividade infantil, transformando as telas em estímulos para a exploração artística e emocional. O papel do desenho é, assim, um reflexo dessa imersão, permitindo que a criança viaje e, ao mesmo tempo, construa suas próprias narrativas. Transitam incessantemente: ora entrando no universo fantástico de seus personagens, ora trazendo-os para comporem e brincarem enquanto vivem na realidade. O desenho que fazem sobre o papel materializa parte desse imaginário que, mais uma vez, anseia por se fisicalizar na realidade do mundo.



Fonte: acervo fotografico pessoal do pesquisador



Fonte: acervo fotografico pessoal do pesquisador

Isac dos Santos Pereira

Conhecido artisticamente como Isac Chateaneuf, Isac dos Santos Pereira é doutorando em Educação pela Universidade de São Paulo (USP), na Faculdade de Educação, e em Comunicação Audiovisual pela Universidade Anhembi Morumbi (UAM), onde também obteve o título de mestre com pesquisa sobre Naruto na sala de aula. É pesquisador do grupo GPARTEDU: Grupo de Pesquisa Arte na Educação, na Formação de Professores e no Currículo Escolar, coordenado pela professora doutora Rosa Iavelberg. Especialista em Arte/Educação: Teoria e Prática pela Escola de Comunicações e Artes da USP (ECA/USP) e em Neurociências Aplicadas à Educação pela UAM. Licenciado em Artes Visuais pela Faculdade Paulista de Arte (FPA), atua como professor e pesquisador na área de artes visuais e educação. Professor de Arte no Ensino Fundamental I da rede Municipal de São Paulo, na Emef Paulo Setúbal. E-mail: isacsantos02@hotmail.com

Abracello

YARA AMANDA

DE JESUS ABREU

EDUCANDO PELA ARTE (RESPIRANDO MÚSICA)

Nesta última edição de 2024, nossa homenageadavem acompanhada de um brinde musicalque saboreamos com nossa melhor taça. Yara Amanda de Jesus Abreu compõe o quadro de servidores da Prefeitura do Município de São Paulo. A Professora e Musicista é filha de Carmelita de Jesus Abreu e Hilário de Abreu, irmã do Cristiano, da Carla e da Keila. A educadora cresceu na Cidade Tiradentes, bairro que clama por boa música e arte. Mudou-se para essa região quando tinha apenas um ano de idade, junto com seus pais e seus três irmãos.



Figura 1: Yara Amanda e seus irmãos.



Figura 2: Yara com seus pais.

O segmento religioso é o evangélico, e foi na igreja que a docente iniciou seus estudos musicais através do instrumento denominado órgão eletrônico. O fato de reverenciar a Deus na igreja acabou abrindo as portas da sua paixão por Música, que mais tarde seria o norte dos seus estudos acadêmicos e caminhos profissionais.

Na universidade, Yara escolheu o Curso de Licenciatura em Música no Centro Universitário Sant'Anna, apaixonando-se logo por Educação Musical, principalmente a Musicalização Infantil. Em 2018, a docente ingressou na Prefeitura de São Paulo para lecionar Arte. Por fazer os estudantes respirarem música, por meio do ensino de iniciação musical e de canto coral com as crianças do Ciclo de Alfabetização, ela é o pulmão do Programa São Paulo Integral do CEU EMEF Professora Nazaré Neri Lima, unidade pertencente ao CEU Água Azul, Diretoria Regional de Educação de Guaianases.

A professora Yara demonstra sua imensa paixão pela Música e pelo ato de ensinar em todos os trabalhos que desenvolve com os estudantes. Por isso, nós da Revista Primeira Evolução, quisemos entender a origem dessa motivação.

Primeira Evolução: Por que essa paixão pelo ensino através da música?

Professora Yara: Tive grandes mestres que me inspiraram no ensino musical, sinto-me

motivada ao ver nos olhos das crianças essa mesma paixão pela música se acender a cada dia. Carrego nos genes uma herança musical, pois meu irmão é saxofonista e a minha mãe teve aulas de canto e de instrumento quando estudava.



Figura 4: Participação na orquestra.

Primeira Evolução: Professora, descreva uma memória extremamente gratificante na sua profissão e que seja interessante compartilharmos com os leitores da revista.

Professora Yara: Uma memória inesquecível foi quando tive a oportunidade de trabalhar com um aluno autista, ele não verbalizava, e frequentemente ficava agitado. Nas aulas de música, ele ficava correndo dentro da sala enquanto realizávamos a aula. Tentamos diversas formas de trazê-lo às atividades, mas ele se recusava. Nós sempre cantávamos uma música de boas-vindas nas aulas, e logo depois íamos para as outras atividades. Ao longo do ano, isso se repetiu por diversas vezes, e esse aluno autista ficava correndo ou andando pela sala.

Certa vez, lá por meados do ano, eu cheguei na sala regular dele para dar aula de Arte, e ele me recebeu cantando nossa música de boas-vindas. No momento, eu fiquei muito emocionada. Nas aulas seguintes, ele se sentou em roda conosco e tocou teclado - o instrumento de que ele mais gostava. Isso me marcou muito por saber o quanto a música é poderosa no desenvolvimento das habilidades dos estudantes.

É impossível não se encantar pela música quando entendemos as motivações e as razões que fazem a docente Yara se dedicar tanto ao processo de educar através das notas musicais.

A Música ajuda no desenvolvimento de diversas áreas cerebrais e, com seu papel de agente formador, contribui para o desenvolvimento da inteligência emocional do educando.

Diversos estudos indicam que a música contribui para o desenvolvimento de diversas áreas cerebrais e para o desenvolvimento da inteligência emocional das pessoas. Através da música, nos conectamos com os estágios mais profundos de nossas almas. Por isso, a definição clássica resume: "A Música é a Arte de manifestar os diversos afetos de nossa alma mediante o som".

Primeira Evolução: Yara, tem algum instrumento musical que lhe toca a alma com maior profundidade?

Professora Yara: Neste momento da minha vida, o violoncelo é minha paixão. Estou estudando ele há seis anos. Já tive aulas com professores extremamente capacitados - Ricardo Fukuda é um deles. Hoje, faço aulas com a Professora e Mestra Elvia Giraldo.

Revista Primeira Evolução: Descreva uma história muito feliz da sua vida e que tenha relação com a Música.

Professora Yara: Uma história feliz que não me canso de dizer foi que Deus colocou a Música na minha

vida para me salvar de tantas coisas, e uma delas foi da depressão fortíssima que tive na adolescência. A Música foi e é uma alavanca, um bálsamo em tempos difíceis. Me ajuda a seguir em frente!

Revista Primeira Evolução: Ainda sobre sua vivência com a Música, conte-nos sobre sua participação em eventos musicais que não tenham relação com educação (apresentações pessoais, premiações, viagens, religião). Tudo que lembrar e julgar interessante para sua vida.

Professora Yara: No ano de 2023, participei do Festival de Violoncelos promovido pela Abracello (Associação Brasileira de Violoncelista do Brasil) a qual sou membro. Tivemos o privilégio de ter aulas com os grandes mestres do violoncelo do Brasil e do Mundo, e no final realizamos uma apresentação com 150 violoncelos na Sala São Paulo. Foi inesquecível! Já participei de diversos encontros musicais com o violoncelo e atualmente toco na Orquestra Sinfônica Carlos Gomes. Realizamos diversas apresentações esse ano: em São Paulo, no museu do Ipiranga; em Brotas, no SESC Sorocaba e em diversas outras cidades.

Acompanhamos projetos de relevância que vêm ocorrendo na Rede Municipal de Ensino de São Paulo. Os projetos conduzidos pela Yara Amanda saltam aos olhos. Impossível não se emocionar com as apresentações musicais dos estudantes conduzidos pela professora homenageada. Ficamos curiosos e perguntamos para a docente:

Revista Primeira Evolução: Yara, o que te motivou a levar a Música para os estudantes da Escola Nazaré Neri Lima? Foi inscrito em algum programa específico da Rede? Qual?

Professora Yara: O que me motivou foi a minha paixão pela Música e a vontade de trazer para as crianças essa mesma alegria, visto que a Música ajuda a desenvolver habilidades psicomotoras, de concentração, raciocínio lógico, capacidade de trabalhar em grupo, concepção de respeito ao próximo, conhecimento da nossa cultura como parte dessa construção ética e formativa.



Figura 5: Participação no Festival de violoncelo.

Revista Primeira Evolução: Descreva-nos o percurso da Música com os estudantes da Unidade Educacional na qual atua (primeiros contatos, evolução, reação dos familiares, apoio da gestão...)

Professora Yara: Esse projeto tem como objetivo proporcionar aos alunos uma vivência sobre os sons e ritmos brasileiros, conhecimento sobre os elementos da Música através do corpo e movimento, proporcionar uma vivência musical significativa, realizar um trabalho de iniciação ao canto coral utilizando as músicas do cancioneiro brasileiro e da Música popular brasileira, conhecer a vida e obra do artista e compositores brasileiros, e nessa viagem sonora pelo Brasil realizar um resgate da nossa cultura e conscientizá-lo da importância do ouvir e entender a paisagem sonora que nos cerca. Realizar um trabalho de conscientização ambiental na confecção de fontes sonoras alternativas e conhecer os elementos e ampliar o conhecimento da linguagem musical, por meio de instrumentos de percussão e melódicos e de diversas fontes sonoras alternativas. Aproximar a comunidade da escola através de troca de experiências e vivências musicais, promovendo a interação entre os alunos e a comunidade do entorno. Apresentar a riqueza da arte e Música africana, como matriz da nossa cultura, trazendo a valorização das nossas raízes afro-brasileiras, e dos ritmos brasileiros, e do nosso cancioneiro. A Música como instrumento na recuperação das aprendizagens, auxiliando no processo de alfabetização do educando. Promover a expressividade, pois a Música é uma forma de comunicação, desenvolver a imaginação, a concentração, a improvisação, a flexibilidade e a fluidez de seu pensamento musical. A Comunidade escolar tem nos recebido com muito entusiasmo em nossas apresentações e a Gestão nos apoia e nos ajuda nesse processo de aprendizagem. Tenho percebido ao longo deste percurso o quanto temos evoluído enquanto grupo musical através das nossas apresentações e participações nos Festivais de Música da Rede Municipal de Ensino de São Paulo.

Revista Primeira Evolução: Quais instrumentos musicais estão à disposição hoje na unidade e que são utilizados em seus projetos? Há outros recursos que substituem os instrumentos durante as apresentações?



Figura 6: Atividade musical com colheres de plástico e madeira.

Professora Yara: Recentemente, recebemos da Prefeitura de São Paulo alguns instrumentos de percussão, como bandinhas rítmicas e alguns outros instrumentos que vieram no Kit de Arte que todas as escolas da rede receberam. Temos ainda à disposição Teclados e Flautas providenciados pela Unidade Educacional. Durante as minhas atividades, utilizo fontes sonoras alternativas, já realizei uma apresentação musical com colheres de pau e de plástico.

Revista Primeira Evolução: Sabemos que, a partir desse Projeto, muitas apresentações já foram realizadas com os estudantes. Descreva um pouco esses trabalhos (evento, local, tipo de apresentação, reação do público, premiações).

Professora Yara: Somos muito felizes e gratos a Deus porque no ano passado participamos da FEMIC (Festival de Música instrumental e corais da Cidade de São Paulo) com os estudantes dos segundos anos e ficamos em primeiro lugar, ganhando a medalha de ouro. Foi muito gratificante ver a alegria e a empolgação das crianças, das famílias, e a da

comunidade escolar. Nossa apresentação foi organizada pela DRE Guaianases, e foi realizado no CEU Inácio Monteiro. Neste ano, participamos novamente da FEMIC e mais uma vez fomos premiados com medalha de ouro. Para além das premiações, já realizamos diversas apresentações no Teatro do CEU Água Azul e em outros espaços da Unidade educacional. Fizemos também visita monitorada à Sala São Paulo e participamos dos Concertos Didáticos do Descubra Orquestra, um programa educacional da Fundação OSESP.



Figura 7: Visita à Sala São Paulo.



Figura 8: Apresentação no Teatro do CEU Água Azul.

Revista Primeira Evolução: Nas unidades educacionais, existem muitos estudantes que participam de corais e/ou tocam instrumentos musicais em seus círculos sociais. De que maneira é possível tirar esses estudantes do ostracismo e valorizar essas habilidades dentro das instituições de ensino?

Professora Yara: Colocá-los como protagonistas do seu aprendizado musical,

valorizar e estimular esses conhecimentos prévios, para que o ensino de Música não seja maçante, e o estudante fique desestimulado a aprender. O estudante como protagonista do seu aprendizado, tendo autonomia em suas escolhas musicais, será um estudante que terá um desenvolvimento musical significativo.

Revista Primeira Evolução: No CEU EMEF Professora Nazaré Neri Lima, há o Projeto de Bandas e Fanfarras. Na sua opinião, seria possível unir os dois projetos para o desenvolvimento de algumas ações? Justifique.

Professora Yara: Seria perfeitamente possível fazemos uma parceria, já conversei com o professor Vanderley, de Bandas e Fanfarras, para realizarmos uma apresentação juntos, unir a banda e o coral, mas ainda não conseguimos realizar esse projeto devido à dificuldade de conciliar agendas, mas é algo que estamos pensando para um futuro próximo.

Revista Primeira Evolução: Quais são as metas/objetivos para os próximos anos no campo profissional? Pretende continuar com esse projeto na unidade em que atua? Intenciona redimensioná-lo/readaptá-lo?

Professora Yara: O objetivo é continuar esse projeto de música na unidade dentro do programa São Paulo Integral, e meu desejo é ampliá-lo no ano que vem através do Projeto Mais Educação da Rede Municipal. Minha proposta é de realizar um projeto sobre ensino de violoncelo na rede municipal, um projeto que visa ensinar violoncelo para os estudantes do ciclo interdisciplinar, principalmente 4º e 5º anos, mas por enquanto ainda é um projeto, pois a escola necessita de recursos para comprar os violoncelos e realizar a adaptação da acústica da Sala de Música.

Revista Primeira Evolução: Na sua opinião, de que maneira é possível incluir a comunidade em projetos de Música dentro das instituições de ensino?

Professora Yara: Trazer a comunidade para dentro dos projetos é fundamental para o seu desenvolvimento. Acredito que podemos

realizar ensaios abertos ao público, apresentações nos equipamentos que estão perto da unidade, trazer os pais para contribuir na confecção das fontes sonoras alternativas. Realizar uma vez por ano uma feira musical ou um sarau literário, onde as famílias pudessem participar, cantando, tocando, confeccionando instrumentos. Na minha opinião, seria um interação muito enriquecedora.

Revista Primeira Evolução: E, por fim, qual a importância dessa Arte na sua vida pessoal e profissional? E na vida dos estudantes?

Professora Yara: Certa vez eu li uma frase que não me recordo do nome do autor, mas me marcou muito, dizia assim: “Quem tem música, tem vida interior e quem tem vida interior nunca padecerá de solidão.” Para mim é isso. Música é vida interior, é o meu oxigênio. Sou muito grata a Deus por isso. Na vida dos estudantes, eu tenho testemunhado o quanto a Música tem sido agente transformador e o quanto tem contribuído para o seu desenvolvimento emocional, social e psíquico. Meu desejo é que essa vida interior chamada Música floresça cada dia mais.



Figura 9: Recebendo medalha de ouro na FEMIC 2024, CEU Sapopemba.

Diante de tantas ações, tantos estudantes alcançados e de tantos reconhecimentos por parte da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, ficamos curiosos em saber como essas aulas têm chegado nas residências dos estudantes que têm o privilégio de serem protagonistas por intermédio da música. Então, procuramos a Sra. Alessandra, mãe do estudante Henry, 2º Ano C.

Revista Primeira Evolução: Na sua

opinião, qual a importância das aulas de Música, ministradas pela Profa. Yara, na vida do seu filho e das demais crianças?

Alessandra: As aulas o ajudaram aprimorar seus talentos, ajudou na melhora do comportamento, na atenção e na dedicação. Isso tem sido muito importante para o desenvolvimento dele.



Figura 10: Grupo Premiado com medalha de ouro na FEMIC 2023, CEU Inácio Monteiro.

Revista Primeira Evolução: Há alguma fala do Henry a respeito dessa vivência que gostaria de compartilhar conosco?

Alessandra: Sim, ele sempre comenta que gosta das aulas de música, onde participa e interage com os colegas, e espera que nos próximos anos continue com essa atividade. Ficou muito feliz e se sentiu valorizado com as premiações que ganharam.

Figura 11: Troféu recebido na FEMIC 2024.

Nossa homenageada nesta última edição do ano de 2024 apresenta todas as qualidades que ousamos sonhar encontrar nos docentes do ensino público desse nosso país. Acreditamos no ensino público de qualidade e verdadeiramente significativo, e a professora Yara Amanda sintetiza isso diariamente através do processo educacional por meio da Arte Musical.





Figura 12: Apresentação no Teatro do CEU Água Azul.

Professora Yara, assim como a senhora, nós da Revista Primeira Evolução desejamos que a Música floresça no interior de cada estudante e no interior de cada cidadão dessa nossa sociedade tão carente de sonhos.

Figura 13: Apresentação com fontes sonoras alternativas no Teatro do CEU Água Azul.

Então, aproveitamos para desejar um 2025 repleto de musicalização para todos os leitores da Revista Primeira Evolução!



Por Cleia Teixeira e José Wilton.

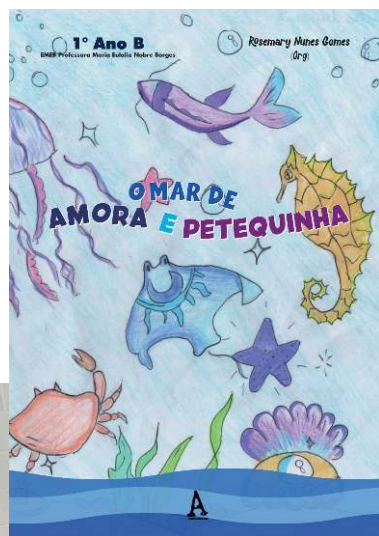
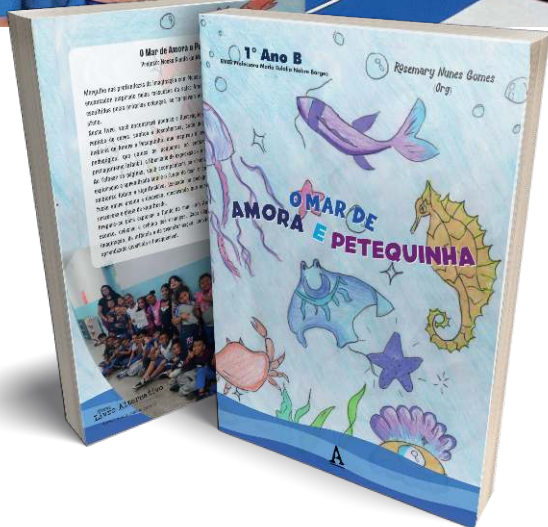
DESTAQUE





LANÇAMENTO





A manhã de 13 de dezembro de 2024 ficará marcada na história da educação de Itaquaquecetuba. O Auditório da Sec. Mun. de Educação, Ciência, Tecnologia e Inovação de Itaquaquecetuba (Semecti) foi palco de um evento emocionante, onde alunos do 1º ano B da EMEB Profª. Maria Eulália Nobre Borges se transformaram em verdadeiras celebridades literárias.

Os pequenos autores e autoras de "O mar de Amora e Petequinha" viram seus sonhos se tornarem realidade, ao serem cercados por adultos ansiosos por autógrafos e fotos. A obra, resultado do projeto "Nosso Fundo do mar é divertido", destaque no programa "Alfabetiza Juntos SP", do estado de São Paulo é um marco para a educação da cidade e um exemplo inspirador do que a parceria entre professores e comunidade pode gerar.

Organizado pela professora Rosemary Nunes Gomes, o livro, escrito e ilustrado pelas próprias crianças, é uma verdadeira joia literária. A iniciativa, em parceria com a Edições Livro Alternativo, proporcionou aos alunos a experiência única de ver suas criações impressas e compartilhadas com o mundo.

A celebração foi um momento de grande alegria e orgulho para toda a comunidade escolar e para a cidade de Itaquaquecetuba. O evento demonstra o quanto a educação pode ser transformadora e inspiradora, quando crianças são incentivadas a explorar sua criatividade e a acreditar em seus sonhos.



Células imortais, existem?

ADEILSON BATISTA LINS



Henrietta Lacks (1920-1951)

Imagem: Kathianne Boniello. New York Post. 2020

Qualquer pessoa poderia responder sobre a origem da vida? O discurso inicial seria algo que se aprende desde a Educação Infantil: todo ser vivo nasce, cresce, reproduz e morre. Essa primeira tentativa de compreender o mundo e a sua dinâmica, ainda que impactante, é um dos primeiros discursos para se trilhar o conhecimento acerca de reprodução e da geração de uma vida somente a partir de outra vida.

Com o avanço da ciência e dos meios mais modernos de tecnologia, sobretudo, das técnicas de fertilização in vitro e do cultivo de células e tecidos, a sociedade viu nascer discursos e terapias variadas, tratamentos, desenvolvimento de drogas, manipulação genética, terapiagênica, vacinas, imunobiológicos para tratamento de doenças autoimunes e degenerativas etc.

São células, a unidade básica da vida, cujo conhecimento vem sendo acumulado em pesquisas promissoras, desde a sofisticação da engenharia genética até o retorno de uma célula desdiferenciada à condição pluri/multipotente.

Quando se discute sobre vida, a definição requer um olhar apurado para o grupo dos organismos vivos, como os vertebrados e invertebrados. O estudo da anatomia animal comparada, da fisiologia, ou do arcabouço genético nos ajudaram a compreender o papel da expressão gênica e da epigenética.

Conhecidas como células HeLa, ou popularmente, células imortais, são unidades coletadas de uma paciente chamada de Henrietta Lacks (LYAPUN; ANDRYKOV, 2019; VILLAR, 2012), na década de 1950. Há quase um século desde a primeira coleta, continuam sempre em ativa reprodução espalhadas por centros de pesquisa.

PORQUE UTILIZAR ESSAS CÉLULAS?

As células HeLa foram as primeiras células a serem cultivadas. Foram extraídas de células tumorais da paciente Henrietta Lacks, sem o seu consentimento e sem que ela tivesse conhecimento dessa ação. A vida de Henrietta Lacks, doada involuntariamente em pequenos blocos da vida, trouxe inúmeros benefícios, tais como: capacidade de multiplicação infinita; ajudou em pesquisas na embriologia; fabricação de vacinas; mapeamento genético, tratamento de diversas patologias; ajudaram na fabricação da vacina contra a Poliomielite, estudo da tuberculose e do HIV; estudos de HPV (a 'doadora' faleceu de câncer cervical);

manipulação de tecidos humanos in vitro; síntese de proteínas recombinantes; estudos de funcionalidade gênica; terapiagênica; estudo do potencial patogênico, do comportamento viral e replicação; avaliação de medicamentos antitumorais e; investigações em culturas virais, principalmente, para o desenvolvimento de drogas que combatem doenças como Parkinson, leucemia e hemofilia. As células cancerosas também ajudaram no progresso das pesquisas em reprodução assistida, análise de cariótipo e medicina de precisão.

Além da heroicidade póstuma para todos os benefícios científicos já citados, as células HeLa também foram utilizadas para os estudos como SARS- Cov-19.

O reconhecimento de Henrietta Lacks veio tardiamente, em 2021, por ocasião da homenagem prestada ao papel das mulheres na ciência, pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Naquele ano, o diretor Tedros Adhanom Ghebreyesus premiou um dos filhos da heroína, falecida em 1951 (31anos), LawrenceLacks, de 87 anos.

As células HeLa estão espalhadas por todo o mundo, somando toneladas métricas e uma indústria lucrativa sem precedentes.

Mas, porque as células cancerosas de outras pessoas não poderiam ser utilizadas?As células HeLa foram as únicas a apresentar a imortalidade, ou seja, a capacidade de se reproduzirem indefinidamente ex vivo. Elas podem ser cultivadas utilizando protocolo simples e pouco dispendioso, demonstrado desde a primeira manipulação, no Hospital Johns Hopkins, em Baltimore, pelos pesquisadores George e Margaret Grey. A família Lacks só seria avisada 25 anos depois, pela doutora chinesa Susan Hsu, por ocasião do sucesso em suas pesquisas. As células HeLa possuem aneuploidia, rearranjos estruturais cromossômicos; a telomerase continua ativa durante as divisões mitóticas (impedindo o encurtamento dos telômeros e a apoptose). A

atividade imortal da telomerase, única das células HeLa, impede a senescência e mantém a imortalidade e o ciclo mitótico ilimitado.

O segredo desvendado somente pouco mais que vinte anos após a morte de Henrietta Lacks mostrou que a telomerase é uma ribonucleoproteína, capaz de transcrever nucleotídeos (sequências de letrinhas que formam os ácidos nucleicos), ou seja, uma transcriptase reversa. É, pois, no infortúnio de uma neoplasia cervical do século passado que se iniciou consideráveis contribuições para Ciência e Tecnologia em citologia.

TEXTOS COMPLEMENTARES UTILIZADOS:

CRUZ, B.D.O.M. da; OLIVEIRA, M.M. de; BIONDI, J.; ROXO, A.E.; MARTINEZ, C.H.O. O uso da cultura celular (Hela) para triagem de novas drogas com ação. Acta Amazônica, [S.L.], v. 18, n. 1-2, p. 313- 321, 1988. FapUNIFESP (SciELO).
<http://dx.doi.org/10.1590/1809-43921988185321>.
VILLAR, C.B. (RE)descobrimos uma história não celebrada pela ciência. Revista de Administração de Empresas, [S.L.], v. 52, n. 2, p. 272-273, abr. 2012. FapUNIFESP (SciELO).
<http://dx.doi.org/10.1590/s0034-75902012000200012>.
LYAPUN, I. N., ANDRYKOV, B.G.; Bynina, M.P. HeLa cell culture: Immortal heritage of henrietta lacks. Molecular Genetics, Microbiology and Virology, n.34, v.4, p. 195-200, 2019.

POIESIS

HERÓIS ANÔNIMOS

Esse tipo de herói
Não precisa ser lembrando
Mas eles não abrem mão
De ser respeitados.

Eles são bondosos além do limite
O voluntariado é parte da sua natureza
Ajudam sem pedir nada em troca
Sua palavra de ordem é a gentileza.

José Wilton – Professor, Pai e Poeta
Chefe do Núcleo de Ação Educacional
CEU Inácio Monteiro

AFETOS

Da vida
Quero o seu kit mais completo:
Das dores aos amores
Dos aflitos aos afetos.

Douglas Santana
Escritor e Poeta

VIDA MONÓTONA

Nascer, crescer, estudar;
Viver 11 anos na escola;
Com sorte, a gente vai pra faculdade;
Sai de lá sem saber da nossa realidade;
A realidade da vida de verdade;
Sai da escola pra trabalhar;
Trabalhar até a morte;
Essa é a realidade de muita gente.
Muitos não sabem o que fazer depois dos estudos;
Muitos vão para os tramos;
Alguns viram carteira assinada;
E outros acabam na vida errada.
Trabalhando todo santo dia;
Até uma idade avançada;
Poucos conseguem ganhar bem;
Se aposentar e viver uma vida boa;
Mas muito trabalham até a falha;
Costas doendo, ossos estralando;
Tá ficando comum, ver idoso trabalhando?
A vida é uma hierarquia;
Os mais ricos em cima
Com uma vida que eles escolheram;
E os pobres abaixo
Com uma vida monótona;
Nascer, crescer, estudar;
E logo depois desse ciclo, trabalhar;
Trabalhar, trabalhar e trabalhar;
Até a sua hora chegar;
Mas que vida monótona é essa?

Flávio Daniel Oluwatomiloye, 15 anos
Poetisa do Livro Poesia na Escola IV
CEU EMEF Profa. Nazaré Neri Lima

PERIFERIA TAMBÉM É ESCOLA

A periferia, assim como a escola,
te ensina, te educa e nunca te isola.
Ela faz das matérias experiências e vivências.
Na periferia a matemática é real,
nós somamos e multiplicamos por igual.
Também temos o português,
que aprendemos a linguagem do mundo de uma só vez.
E não podemos esquecer da matéria de artes,
onde o grafite e a pichação também fazem parte.
E no final de tudo isso,
continuamos sendo menosprezados.
A periferia é cultura e aprendizado,
por isso, merecemos ser respeitados.

Alicia Obiugo Silva, 13 anos
Poetisa do Livro Poesia na Escola IV
CEU EMEF Profa. Nazaré Neri Lima

SANGUE OU AMOR?

Eles dizem: isso é besteira.
Então, por que ainda somos rebaixadas a vida inteira?
Recebendo agressões durante toda a vida.
A cada um minuto, são 25 vítimas!

Todo ano falam: "Feliz dia das mulheres!"
Mas o respeito sempre dá ré assim que acaba o dia?
A mesma faca que uso para cozinhar,
Ele usou para tentar me matar.
Meu sangue escorrendo como Licor.
Será mesmo que vermelho é a cor do amor?

Katarina Teles Coutinho, 15 anos
Poetisa do Livro Poesia na Escola IV
CEU EMEF Profa. Nazaré Neri Lima

DOCÊNCIA EM FOCO

Compartilhando Saberes

ANTONIO R. P. MEDRADO
MANUEL FRANCISCO NETO
(Org.)



Este livro é um convite para uma jornada emocionante pela vida escolar, vista pelos olhos de quem a transforma todos os dias. Através de análises aprofundadas, os autores nos levam a refletir sobre o papel do professor na sociedade, os desafios da inclusão, a importância da formação continuada e a busca por uma educação mais justa e humanizadora.

Docência em foco, é um manifesto em defesa da educação de qualidade. Uma obra indispensável para professores, estudantes, gestores escolares e todos aqueles que acreditam no poder transformador da educação.

AS RELAÇÕES ÉTNICOS RACIAIS E O DEBATE SOBRE A CULTURA AFRO BRASILEIRA NA EDUCAÇÃO

DAMARES FLORIANO NUNES GONÇALVES¹

RESUMO

O ensino de História também contribui para a valorização da diversidade cultural e a promoção do respeito às diferenças, incentivando o diálogo intercultural e a construção de uma sociedade mais inclusiva e igualitária. Além disso, a história é uma ferramenta poderosa para desconstruir mitos e estereótipos sobre diferentes grupos étnico-raciais, permitindo uma abordagem mais plural e democrática da história e da cultura. Nesse sentido, é imprescindível que os educadores estejam atentos à importância de incluir a perspectiva étnico-racial no ensino de História, promovendo a reflexão crítica sobre as relações de poder e as formas de resistência dos povos marginalizados. Através dessa abordagem, é possível fortalecer a luta contra o racismo e a promoção da igualdade de direitos para todos os cidadãos, construindo uma sociedade mais justa e democrática. A área do conhecimento de História desempenha um papel fundamental na construção da identidade e na compreensão das relações étnico-raciais dentro da educação. Por meio do estudo do passado, os alunos podem desenvolver uma consciência crítica sobre as desigualdades e injustiças sociais que permeiam a sociedade, possibilitando a reflexão e o combate ao racismo e à discriminação.

Palavras-chave: Aprender; Conceito; História; Relações.

INTRODUÇÃO

No contexto da educação, a inclusão da perspectiva étnico-racial no ensino de História é essencial para a formação cidadã dos alunos, capacitando-os a compreender o mundo de forma crítica e a engajar-se na luta contra o racismo e a discriminação. Ao promover a reflexão sobre as relações étnico-raciais na sociedade, os educadores contribuem para a construção de uma consciência social mais justa e solidária, baseada no respeito às diferenças e na valorização da diversidade.

Este artigo tem como objetivo analisar a importância da área do conhecimento da História e das relações étnico-raciais dentro da educação,

destacando o papel crucial que esses temas desempenham na formação dos indivíduos e na construção de uma sociedade mais justa e igualitária. A partir de uma revisão bibliográfica e reflexão teórica, será discutido como o ensino de História pode contribuir para a promoção da consciência crítica, da valorização da diversidade e do combate ao racismo e à discriminação étnico-racial.

No decorrer deste artigo, será abordada a importância da História como disciplina escolar, os desafios e oportunidades do ensino de História no contexto contemporâneo, a relação entre História e relações étnico-raciais, e as estratégias pedagógicas para promover uma abordagem inclusiva e crítica da História e das

¹ Graduada em Pedagogia; Pós graduada em Educação Inclusiva. Professora de Educação Infantil, PEI na Prefeitura Municipal de São Paulo, SME, PMSP.

relações étnico-raciais na educação. Espera-se que este artigo possa contribuir para a reflexão e o aprofundamento do debate sobre esses temas essenciais para a construção de uma sociedade mais justa, igualitária e democrática.

A importância da área do conhecimento da História e das relações étnico-raciais dentro da educação é um tema de extrema relevância no contexto atual da sociedade. A História, como disciplina, desempenha um papel crucial na formação dos indivíduos, contribuindo para a compreensão do passado, a construção da identidade e a reflexão sobre as relações sociais, políticas e culturais que moldam a realidade em que vivemos. Por outro lado, as relações étnico-raciais são um elemento central na configuração das desigualdades sociais e no processo de construção da diversidade e da igualdade de direitos.

Nesse sentido, a História é uma ferramenta fundamental para a promoção do diálogo intercultural, a valorização da diversidade cultural e a desconstrução de preconceitos e estereótipos. Ao analisar o passado, os alunos podem compreender as origens das desigualdades étnico-raciais e refletir sobre as formas de resistência e luta dos povos oprimidos ao longo da história. Além disso, a História permite problematizar as narrativas dominantes e propor novas interpretações que incluam os diferentes pontos de vista e experiências dos grupos étnico-raciais marginalizados.

O conjunto complexo dos códigos e padrões que regulam a ação humana individual e coletiva, tal como se desenvolvem em uma sociedade ou grupo específico e que se manifestam em praticamente todos os aspectos da vida: modos de sobrevivência, normas de comportamento, crenças, instituições, valores espirituais, criações materiais, etc (AURÉLIO, 2004).

O RACISMO ESTRUTURAL E AS QUESTÕES AFRO BRASILEIRA NA EDUCAÇÃO

A sociedade atual está cada vez mais inserida nos acontecimentos históricos e por este motivo as escolas e os professores devem inovar e ampliar seus conhecimentos. Segundo

Hobsbawm (1998, p. 36):

[...] as relações entre passado, presente e futuro não são apenas questões de interesse vital para todos: são indispensáveis. É inevitável que nos situamos no continuum de nossa própria existência, da família e do grupo a que pertencemos. [...] Não podemos deixar de aprender com isso, pois é o que a experiência significa (HOBSBAWM, 1998, p. 36).

Além da formação inicial dos professores, é necessário investir na formação continuada e no acompanhamento pedagógico para fortalecer as práticas inclusivas e antirracistas no cotidiano escolar. Os educadores precisam ser incentivados a participar de cursos, seminários e oficinas que abordem as questões étnico-raciais, bem como a colaborar e trocar experiências com outros profissionais engajados na promoção da diversidade e da igualdade racial na educação.

O combate ao racismo estrutural na educação requer a atuação conjunta de professores, gestores, alunos, comunidade escolar e órgãos públicos, a fim de promover a transformação necessária para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. A elaboração e implementação de políticas públicas que visem combater o racismo e promover a equidade racial no sistema educacional são fundamentais para garantir o direito à educação de qualidade para todos os estudantes, independente de sua origem étnica.

É importante ressaltar que a luta contra o racismo estrutural na educação não se restringe apenas ao ambiente escolar, mas se estende para a sociedade como um todo. É necessário promover a conscientização e o engajamento de toda a comunidade na defesa dos direitos humanos, da igualdade racial e da promoção da diversidade cultural. O enfrentamento do racismo demanda uma atuação intersetorial e articulada entre os diversos setores da sociedade, visando a construção de uma sociedade mais justa, inclusiva e igualitária.

Em suma, o combate ao racismo estrutural na educação exige um compromisso

coletivo e permanente de todos os atores envolvidos no processo educativo. A formação docente desempenha um papel fundamental nesse processo, capacitando os professores para promover práticas inclusivas e antirracistas no ambiente escolar. É necessário investir em políticas públicas que visem combater o racismo e promover a equidade racial no sistema educacional, garantindo o direito à educação de qualidade para todos os estudantes, independentemente de sua origem étnica. A construção de uma sociedade mais justa e igualitária passa necessariamente pelo enfrentamento do racismo e pela promoção da diversidade e do respeito à pluralidade étnica e cultural presente em nossa sociedade.

O combate ao racismo estrutural na educação é um tema de extrema importância e relevância nos dias atuais. A discriminação racial ainda é uma realidade em muitas instituições de ensino, representando um obstáculo para a garantia de uma educação de qualidade e equidade para todos os estudantes. Nesse sentido, é fundamental discutir e promover ações afirmativas que visem eliminar as práticas e comportamentos racistas, bem como fortalecer a cultura da diversidade e do respeito mútuo no ambiente escolar.

A luta contra o racismo estrutural na educação requer uma mudança profunda e sistêmica nos currículos, nas práticas pedagógicas, na formação dos professores e na gestão das escolas. É necessário reconhecer e desconstruir os estereótipos e preconceitos presentes no ensino e na aprendizagem, promovendo a valorização da história, cultura e contribuições dos povos afrodescendentes e indígenas para a construção da sociedade brasileira.

A formação dos professores desempenha um papel fundamental nesse processo de combate ao racismo estrutural na educação. Os educadores precisam estar preparados para lidar com a diversidade étnico-racial presente em suas salas de aula, desenvolvendo práticas pedagógicas inclusivas

que valorizem e respeitem a identidade e a história de cada aluno. Além disso, é necessário promover a reflexão e o debate sobre as desigualdades raciais e as formas de enfrentamento do racismo, tanto no âmbito educacional como na sociedade como um todo.

A formação docente para o combate ao racismo estrutural na educação deve contemplar o conhecimento e a compreensão das questões étnico-raciais, a promoção da igualdade racial e a conscientização sobre os impactos do racismo na vida dos estudantes. Os professores precisam ser sensibilizados para reconhecer e enfrentar as situações de discriminação racial que ocorrem no ambiente escolar, promovendo um ambiente de respeito, valorização da diversidade e promoção da igualdade de oportunidades para todos os alunos.

É fundamental também que os professores estejam atentos às representações e imagens veiculadas nos materiais didáticos, nos livros e nas atividades escolares, a fim de garantir a representatividade e a visibilidade das diferentes culturas e etnias presentes na sociedade brasileira. A inclusão de conteúdos que abordem a história e a cultura afro-brasileira e indígena nos currículos escolares é essencial para desconstruir estereótipos e preconceitos e promover o respeito à diversidade étnico-racial.

APRENDIZAGEM E DIÁLOGOS

Uma das principais estratégias para a formação docente nesse sentido é a educação continuada, que possibilita aos professores a atualização e aprofundamento de seus conhecimentos em relação às questões étnico-raciais e o desenvolvimento de habilidades e competências para lidar com essas temáticas de forma eficaz. Cursos, workshops, seminários e grupos de estudo são algumas das possibilidades de formação que podem ser oferecidas aos professores, promovendo a troca de experiências e o debate sobre as melhores práticas pedagógicas.

Outro aspecto importante da formação docente para o trabalho com as relações étnico-raciais é a valorização da diversidade cultural e

étnica presentes na escola. Os professores devem estar atentos às diferenças e singularidades dos alunos, respeitando suas identidades e valorizando suas contribuições para o processo de ensino e aprendizagem. A promoção do diálogo intercultural e o estímulo ao respeito mútuo são fundamentais para a construção de uma escola inclusiva e democrática.

Além disso, a formação docente deve incentivar a articulação entre a escola e a comunidade, envolvendo os pais, os alunos, os grupos étnico-raciais e as organizações da sociedade civil no debate e na construção de propostas para a promoção da igualdade étnico-racial no ambiente escolar. A participação e o engajamento da comunidade são essenciais para a implementação efetiva de políticas e práticas inclusivas e antirracistas na escola.

Por fim, é importante ressaltar que a formação docente para o trabalho com as relações étnico-raciais não se restringe apenas aos professores que atuam diretamente com as disciplinas de história, geografia ou ciências sociais. Todos os professores, independentemente da área de conhecimento em que atuam, têm o dever de promover a igualdade, o respeito à diversidade e a valorização das diferentes culturas e etnias presentes em nossa sociedade.

Portanto, a formação docente para se trabalhar as relações étnico-raciais dentro do contexto escolar é um desafio complexo e urgente, que requer o envolvimento de todos os atores educacionais e sociais. É preciso investir na qualificação dos professores, na promoção do debate e da reflexão sobre essas temáticas e na implementação de políticas e práticas pedagógicas que contribuam para a promoção da igualdade étnico-racial na escola e na sociedade como um todo. A formação dos professores é um passo fundamental nesse processo, que requer um compromisso coletivo e contínuo com a construção de uma educação mais justa, inclusiva e democrática.

A formação docente para se trabalhar as relações étnico-raciais dentro do contexto escolar é um tema de extrema importância e relevância no cenário educacional atual. A educação é um instrumento fundamental para a promoção da igualdade, do respeito à diversidade e da valorização das diferentes culturas e etnias presentes em nossa sociedade. Nesse sentido, é fundamental que os docentes estejam preparados e capacitados para lidar de forma adequada com as questões étnico-raciais no ambiente escolar.

O Brasil é um país marcado por uma profunda desigualdade étnico-racial, fruto de um longo processo histórico de discriminação e preconceito. As desigualdades raciais estão presentes em diversas esferas da sociedade, inclusive no sistema educacional. A escola, como espaço de formação e socialização, desempenha um papel fundamental na reprodução e perpetuação dessas desigualdades, mas também pode ser um espaço de transformação e de luta contra o racismo e a discriminação.

A Lei 10.639/03, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), tornou obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena nas escolas, abrindo um importante espaço para a discussão e reflexão sobre as questões étnico-raciais no ambiente escolar. No entanto, a implementação efetiva da lei ainda enfrenta muitos desafios, principalmente no que diz respeito à formação dos professores para tratar dessas temáticas de forma adequada e sensível.

A formação docente para o trabalho com as relações étnico-raciais deve ser pautada por uma perspectiva interdisciplinar e crítica, que leve em consideração a complexidade e a diversidade das questões envolvidas. Os professores devem ser capazes de compreender as especificidades culturais e históricas das diferentes etnias e de refletir sobre as relações de poder e de dominação que permeiam as relações étnico-raciais em nossa sociedade.

Além disso, a formação docente deve estimular uma postura reflexiva e crítica dos professores em relação ao seu próprio papel e à sua atuação no contexto escolar. Os professores devem ser incentivados a problematizar as representações e estereótipos presentes em nosso imaginário social, a questionar as hierarquias e as formas de exclusão que marcam as relações étnico-raciais e a buscar estratégias e práticas pedagógicas que valorizem a diversidade e promovam a igualdade.

Nesse sentido, a formação docente para o trabalho com as relações étnico-raciais deve contemplar tanto aspectos teóricos quanto práticos. Os professores precisam estar familiarizados com os conceitos e teorias que fundamentam a discussão sobre racismo, discriminação e preconceito, mas também devem ser capazes de traduzir esses conhecimentos em ações concretas e significativas no contexto escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O debate sobre a cultura afro-brasileira na educação não se limita apenas ao contexto escolar, mas também se estende para a sociedade em geral. É preciso promover a conscientização e a sensibilização da população em relação às questões étnico-raciais, combatendo o racismo, a discriminação e a violência contra a população negra e afrodescendente.

Nesse sentido, as políticas públicas de promoção da igualdade racial e de valorização da cultura afro-brasileira são fundamentais para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva. É preciso fortalecer as instituições e os espaços de luta pela igualdade racial, promovendo a participação da população afrodescendente e a valorização da sua cultura e identidade.

Em suma, as relações étnico-raciais e o debate sobre a cultura afro-brasileira na educação são temas de extrema relevância e urgência na sociedade brasileira. É necessário promover a valorização e o respeito pela

diversidade étnico-racial, reconhecendo e valorizando a contribuição dos povos africanos e afrodescendentes para a formação da identidade brasileira. Somente através da educação e do diálogo é possível construir uma sociedade mais justa, igualitária e plural, onde todos tenham espaço e voz para expressar sua cultura e sua identidade.

As relações étnico-raciais dentro do sistema educacional são um tema complexo e multifacetado, que envolve questões de desigualdade, discriminação, preconceito e exclusão. Ao longo da história, a educação tem sido um dos espaços privilegiados para a reprodução e perpetuação do racismo estrutural, que se manifesta de diversas formas no cotidiano escolar, impactando negativamente a trajetória educacional e o desenvolvimento dos estudantes pertencentes a grupos étnico-raciais minoritários.

Na história temos visto com frequência, infelizmente, que o possível se torna impossível e podemos pressentir que as mais ricas possibilidades humanas permanecem ainda impossíveis de se realizar. Mas vimos também que o inesperado se torna possível e se realiza; vimos com frequência que o improvável se realiza mais do que o provável; saibamos, então, esperar o inesperado e trabalhar pelo improvável (MORIN, 2001, p.92).

No Brasil, país marcado por uma profunda desigualdade social e racial, as relações étnico-raciais no sistema educacional refletem a estrutura de poder e privilégios historicamente construída em torno da branquitude, que se materializa em práticas discriminatórias, segregadoras e excludentes. A escola, como instituição central na formação dos indivíduos e na construção da cidadania, desempenha um papel fundamental na reprodução e na transformação das relações étnico-raciais na sociedade.

A implementação da Lei 10.639/2003, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena nas escolas, representou um avanço significativo no combate ao racismo e na promoção da igualdade racial na

educação. No entanto, muitos desafios ainda persistem, tanto no que diz respeito à efetivação da lei no cotidiano escolar como na superação das práticas e representações racistas que permeiam as relações interpessoais e institucionais no ambiente educacional.

O ensino de História nos primeiros anos do Ensino Fundamental possibilita a construção do saber histórico por meio da relação interativa entre educador e educando, transformando essa prática em ato político. De acordo com Pereira (2013, p. 13): “O ensino de História nas Séries Iniciais e Educação Infantil devem promover a reflexão e cabe ao professor fazer com que esta reflexão seja efetivada, ainda que de modo tímido”. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais – BNCC apud Pereira (2013, p. 02):

Os conteúdos para os primeiros ciclos do Ensino Fundamental deverão partir da história do cotidiano da criança, em seu tempo e espaço específicos. Porém incluindo contextos históricos mais amplos, partindo do tempo presente e denunciando a existência de tempos passados, e modos de vida e costumes diferentes dos que conhecemos, sempre os relacionando ao tempo presente e ao que a criança conhece, para que não fique apenas no abstrato (BNCC apud PEREIRA, 2013, p. 2).

A formação docente é um elemento-chave para a promoção de relações étnico-raciais mais justas e igualitárias na educação. Os professores, enquanto mediadores do conhecimento e agentes de transformação social, desempenham um papel fundamental na promoção da diversidade, na superação do racismo e na construção de uma cultura de respeito e valorização das diferenças étnicas e culturais. Para tanto, é imprescindível que os educadores sejam devidamente formados e capacitados para lidar com a diversidade étnico-racial presente em suas salas de aula, desenvolvendo práticas pedagógicas inclusivas e antirracistas.

A formação docente para a promoção de relações étnico-raciais mais equitativas e justas deve contemplar não apenas o conhecimento teórico sobre as questões raciais, mas também a reflexão crítica sobre as próprias práticas e

concepções como educadores. É fundamental que os professores estejam sensibilizados para reconhecer e enfrentar as situações de discriminação racial que ocorrem no ambiente escolar, promovendo um ambiente de respeito, acolhimento e valorização da diversidade étnica e cultural.

Nesse sentido, a formação inicial e continuada dos professores deve abordar temáticas como a história e cultura afro-brasileira e indígena, a lei de cotas nas universidades, o enfrentamento do racismo institucional, a consciência racial e as práticas pedagógicas inclusivas e antirracistas. Além disso, é fundamental promover o diálogo intercultural e interdisciplinar entre os profissionais da educação, visando a construção de uma perspectiva crítica e reflexiva sobre as desigualdades étnico-raciais e a busca por estratégias de superação do racismo no contexto escolar.

A promoção de relações étnico-raciais mais justas e equitativas no sistema educacional requer um esforço coletivo e articulado entre professores, gestores, alunos, famílias e comunidade escolar. É fundamental que as escolas sejam espaços de acolhimento e valorização da diversidade étnica e cultural, promovendo o respeito mútuo, a valorização das diferenças e a igualdade de oportunidades para todos os estudantes, independente de sua origem étnico-racial.

A implementação de políticas públicas que visem combater o racismo estrutural e promover a equidade racial na educação é essencial para garantir o direito à educação de qualidade para todos os estudantes. É preciso investir em ações afirmativas, programas de formação e capacitação de professores, políticas de inclusão e valorização da diversidade étnico-racial, bem como em mecanismos de monitoramento e avaliação da implementação dessas políticas, a fim de garantir a efetivação dos princípios da igualdade racial no sistema educacional.

Em conclusão, as relações étnico-raciais no sistema educacional desempenham um papel fundamental na construção de uma sociedade mais justa, inclusiva e igualitária. A promoção da diversidade étnico-racial, o combate ao racismo estrutural e a valorização das contribuições dos povos afro-brasileiros e indígenas para a construção da identidade nacional são fundamentais para a construção de uma educação mais justa, democrática e emancipadora. A formação docente é um fator-chave nesse processo, devendo contemplar a sensibilização, a reflexão e o engajamento dos professores na promoção de relações étnico-raciais mais equitativas e respeitadas no ambiente escolar. A superação do racismo na educação requer um esforço coletivo e permanente de toda a sociedade, visando à construção de uma cultura de respeito à diversidade e de valorização das diferenças como um fator de enriquecimento e potencialização do processo educativo e social como um todo.

O contexto histórico deste período dos anos 20/30 foi marcado por uma crise generalizada, e as discussões nacionais sobre a educação se pautaram na escola única diferenciadora, que resolveu ao mesmo tempo dois problemas, primeiro o do ensino democrático e segundo o da seleção por mérito (CARVALHO, 2006, P. 6).

As relações étnico-raciais são um tema de extrema importância e relevância na sociedade brasileira contemporânea. A diversidade étnica e racial do país é uma característica marcante da nossa cultura e identidade, e, por isso, é fundamental que as questões relacionadas a essa diversidade sejam discutidas e problematizadas de forma ampla e abrangente.

No contexto da educação, as relações étnico-raciais assumem um papel ainda mais crucial, pois é na escola que se formam as bases da nossa convivência social e da nossa compreensão e valorização da diversidade. É necessário garantir que todos os alunos tenham acesso a uma educação que valorize e respeite as diferentes culturas e tradições étnico-raciais

presentes no Brasil, para que possam se sentir representados e incluídos no ambiente escolar.

Uma das culturas mais marcantes e significativas da história do Brasil é a cultura afro-brasileira. A influência africana está presente em diversos aspectos da nossa sociedade, desde a música, a culinária, a religião, até a língua e a forma de se expressar. No entanto, por muito tempo essa influência foi ignorada, minimizada e até mesmo silenciada, perpetuando estereótipos e preconceitos em relação à população negra.

O debate sobre a cultura afro-brasileira na educação é fundamental para combater esses estereótipos e preconceitos, promovendo a valorização e o respeito pela cultura e história dos povos africanos e afrodescendentes. É preciso reconhecer a contribuição desses povos na formação da identidade brasileira, resgatando sua história e suas tradições, e promovendo a valorização da diversidade étnico-racial presente na nossa sociedade.

Nesse sentido, a Lei 10.639/03, que inclui no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", é um importante instrumento para promover a reflexão e o debate sobre as relações étnico-raciais na educação. Através dessa lei, os alunos têm a oportunidade de conhecer a história e a cultura afro-brasileira de forma mais aprofundada, reconhecendo a importância e a relevância desse conhecimento para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

No entanto, é preciso ir além da inclusão da temática no currículo escolar e garantir que ela seja abordada de forma consistente e contínua ao longo de todo o processo de ensino e aprendizagem. É fundamental que os professores recebam formação adequada e recursos didáticos adequados para abordar a questão das relações étnico-raciais de forma crítica e reflexiva, estimulando o diálogo e o debate entre os alunos e fomentando a construção de uma consciência crítica e antirracista.

Além disso, é importante que as escolas promovam ações afirmativas e programas de inclusão e diversidade, visando garantir a participação e a representatividade dos alunos afrodescendentes na comunidade escolar. É necessário criar espaços de acolhimento e valorização da diversidade étnico-racial, promovendo a igualdade de oportunidades e o respeito pela identidade cultural de cada um.

REFERÊNCIAS

- ALARCÃO, Isabel (Org). Formação reflexiva de professores: estratégias de supervisão. Portugal: Porto, 1996.
- BENTO, Luiz Carlos. O saber histórico e o ensino de história: uma reflexão sobre as possibilidades do ensino escolar da história. Goiânia: UFGO, 2018.
- BITTENCOURT, Circe Fernandes. Reflexões sobre o ensino de História. ESTUDOS AVANÇADOS 32 (93), 2018.
- CARVALHO, Rita de Cássia Gonçalves de. As Transformações do Ensino no Brasil: análise das reformas. História, Sociedade e Educação no Brasil, Campinas, 2006, p. 1-27.
- CHARLOT, B. Relação com o saber, formação dos professores e globalização: questões para a educação hoje. Porto Alegre: ArtMed, 2005.
- COSTA, Alex Silva. A Importância Do Ensino De História Nas Escolas E Suas Implicações Na Vida Social. Revista Anagrama: Científica Interdisciplinar da Graduação Ano 5 - Edição 2 - Fevereiro de 2012.
- FERNANDES, Antonia. Ensino de História e seus conteúdos. ESTUDOS AVANÇADOS 32 (93), 2018.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GIMENO SACRISTÁN, J. Poderes instáveis em educação. Porto Alegre: ARTMED Sul, 1999.
- NÓVOA, António. O Passado e o Presente dos Professores. In NÓVOA, A. (Org.). Profissão Professor . Portugal: Porto, 1995.
- PIMENTA, S.G.; GHEDIN, E. (Org). Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito. SP: Cortez, 2002.
- TARDIF, M. Saberes docentes e formação profissional. RJ: Vozes, 2002.

O USO DA ESCRITA EM BRAILLE

EDNEIA MACHADO DE ALCÂNTARA¹

RESUMO

A importância da Escrita Braille na Educação promove autonomia e igualdade de acesso ao conhecimento; Desenvolve habilidades cognitivas e comunicação eficaz; Fortalece autoestima e inclusão social; Prepara para vida autônoma e oportunidades de emprego. Alguns desafios encontrados são: Acesso limitado a materiais e professores especializados; Baixa demanda e necessidade de integração em currículos regulares. E as soluções propostas com essa pesquisa são: Investir em educação especializada; Promover conscientização e inclusão; Desenvolver tecnologias acessíveis. Além disso, é imprescindível a implementação de políticas públicas que garantam estrutura e suporte para uma educação inclusiva efetiva. Somente assim poderemos promover uma sociedade mais justa e igualitária, onde todos tenham acesso a uma educação de qualidade, independente de suas características individuais.

Palavras-chave: Acessibilidade; Educação; Braille; Inclusão.

INTRODUÇÃO

A educação especial é uma área que a cada ano ganha espaço e reconhecimento diante da sociedade. A falta de formação continuada reflete diretamente na qualidade do ensino oferecido, resultando em uma exclusão involuntária de alunos com alguma deficiência. É fundamental que os educadores recebam formação adequada para lidar com a diversidade presente em suas salas de aula, adaptando metodologias e recursos para atender às demandas individuais de cada estudante.

A alfabetização de alunos com deficiência visual ou baixa visão demanda uma abordagem pedagógica cuidadosamente planejada, que leve em consideração suas necessidades individuais e as particularidades que a ausência ou limitação da visão impõem ao processo educacional. Esses

estudantes podem enfrentar desafios únicos ao aprender a ler e escrever, o que torna essencial a implementação de estratégias educacionais adaptadas e específicas.

Para garantir a efetividade do ensino, é fundamental que educadores e profissionais da área estejam bem preparados e capacitados para utilizar recursos e técnicas especializadas. A utilização de métodos de ensino diferenciados, como o braille, sistemas táteis, áudio descrição e tecnologias assistivas, desempenha um papel crucial na promoção da alfabetização desses alunos. O braille, por exemplo, é uma forma de escrita tátil que possibilita aos estudantes com deficiência visual acessarem informações escritas de maneira autônoma e eficaz.

A adaptação de materiais didáticos e a criação de ambientes de aprendizagem inclusivos

¹ Graduada em Pedagogia pela Faculdade GUAIANÁS. Licenciatura Plena em Ciências Biológicas pelo Centro Universitário de Jales, UNIJALES. Pós-graduação em AEE, Atendimento Educacional Especializado pela Faculdade de IPATINGA. Cursos de Extensão Universitária na Área de Música. Atualmente atua na Secretaria Municipal de Educação, SME na Coordenadoria de Centros Educacionais Unificados, COCEU, na Divisão de Cultura, DIAC com a Pasta de Música na Prefeitura Municipal de São Paulo, SME, PMSP.

são passos fundamentais para proporcionar uma educação de qualidade a esses alunos. Isso inclui desde a disponibilização de livros em formatos acessíveis até a organização de atividades pedagógicas que estimulem o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita de forma adaptada às suas necessidades específicas.

No processo de alfabetização, é essencial considerar não apenas a técnica de leitura e escrita, mas também o desenvolvimento cognitivo e emocional dos alunos com deficiência visual. Estimular o interesse pela leitura, promover a autonomia e a autoconfiança, e proporcionar um ambiente de aprendizagem acolhedor são aspectos que contribuem significativamente para o sucesso educacional desses estudantes.

Profissionais da área educacional devem estar atentos não apenas às necessidades imediatas de aprendizagem, mas também ao desenvolvimento global dos alunos, incentivando habilidades como a expressão oral, a compreensão de conceitos abstratos e a participação ativa em atividades educativas.

Além das estratégias pedagógicas, o apoio familiar desempenha um papel crucial no processo de alfabetização de alunos com deficiência visual. Pais e responsáveis podem colaborar com educadores na identificação de necessidades individuais, na criação de um ambiente de aprendizagem inclusivo em casa e no estímulo ao desenvolvimento de habilidades acadêmicas e sociais.

Portanto, a alfabetização de alunos com deficiência visual ou baixa visão requer um esforço conjunto e coordenado entre educadores, profissionais da saúde, familiares e comunidade escolar para assegurar que esses estudantes tenham acesso equitativo a uma educação de qualidade e possam desenvolver todo o seu potencial cognitivo e pessoal. A implementação de abordagens pedagógicas específicas e adaptadas é essencial para superar desafios e promover o sucesso educacional e social desses alunos ao longo de sua jornada escolar.

A alfabetização de alunos com deficiência visual ou baixa visão requer abordagens pedagógicas específicas e adaptadas às suas necessidades individuais. A ausência ou a limitação da visão pode impactar significativamente o processo de aprendizagem da leitura e da escrita, exigindo estratégias diferenciadas para garantir a efetividade do ensino.

Um dos principais desafios enfrentados pelos educadores é a seleção e adaptação de materiais didáticos acessíveis, como livros em braille, áudio-livros e recursos tecnológicos que facilitem o acesso à informação. Além disso, é fundamental promover o desenvolvimento das habilidades táteis e auditivas dos alunos, explorando métodos de ensino que estimulem esses sentidos de forma apropriada.

A utilização de recursos como o alfabeto braille e o uso de impressoras especiais para a produção de materiais adaptados são ferramentas essenciais para o processo de alfabetização desses alunos. Além disso, a presença de profissionais especializados, como o professor de apoio ou o educador especializado em deficiência visual, é fundamental para oferecer o suporte necessário e garantir a inclusão desses alunos no ambiente escolar.

Outro aspecto importante é a promoção da autonomia e da independência dos alunos, capacitando-os para o uso de tecnologias assistivas que facilitem o acesso à informação e promovam a sua participação ativa no processo de aprendizagem. Isso inclui o uso de softwares de leitura de tela, dispositivos de ampliação de texto e aplicativos de reconhecimento de voz, entre outros recursos disponíveis.

Os educadores devem estar sensibilizados e capacitados para lidar com as questões emocionais e sociais relacionadas à deficiência visual, promovendo um ambiente inclusivo e acolhedor onde todos os alunos se sintam valorizados e respeitados em suas diferenças.

Em resumo, a alfabetização de alunos com deficiência visual ou baixa visão requer uma

abordagem pedagógica diferenciada, que valorize as potencialidades de cada estudante e ofereça suporte adequado para superar os desafios impostos pela falta ou limitação da visão.

DESENVOLVIMENTO

O sistema Braille é uma ferramenta fundamental para a alfabetização de crianças cegas e com baixa visão, permitindo-lhes acessar a leitura e a escrita de forma tátil. Desenvolvido pelo francês Louis Braille no século XIX, o Braille consiste em um sistema de pontos em relevo dispostos em células, que representam letras, números, sinais de pontuação e símbolos matemáticos.

A cegueira e a baixa visão são condições visuais distintas que exigem abordagens específicas no processo de alfabetização. Enquanto a cegueira se caracteriza pela ausência total da visão, a baixa visão refere-se a uma redução significativa da capacidade visual que pode variar de leve a severa. É importante que os educadores compreendam essas diferenças e estejam preparados para oferecer suporte adequado a cada aluno, adaptando as estratégias de ensino conforme suas necessidades individuais.

O processo de alfabetização das crianças cegas envolve o aprendizado do sistema Braille, o desenvolvimento das habilidades táteis e a compreensão dos conceitos básicos da linguagem escrita. Isso requer uma abordagem pedagógica diferenciada, que valorize a exploração sensorial e estimule o desenvolvimento cognitivo e linguístico do aluno.

Infelizmente, a falta de preparo dos profissionais das salas regulares para alfabetizarem utilizando o Sistema Braille é uma realidade preocupante. Muitos educadores não recebem formação adequada nesta área e enfrentam dificuldades para atender às demandas específicas dos alunos cegos ou com baixa visão. Isso resulta em uma exclusão involuntária desses estudantes, que muitas vezes

não têm acesso a uma educação de qualidade e inclusiva.

Para garantir a efetivação do aprendizado e uma educação integral a esses alunos, é necessário criar estratégias diversificadas que considerem suas necessidades individuais e promovam sua participação ativa no processo de aprendizagem. Isso inclui o uso de recursos adaptados, a capacitação dos profissionais da educação e a implementação de políticas públicas que garantam a inclusão e a acessibilidade no ambiente escolar.

A colaboração entre os diversos profissionais que compõem a equipe escolar, como professores de apoio, psicólogos, terapeutas ocupacionais e fonoaudiólogos, é essencial para o desenvolvimento de estratégias eficazes e para o acompanhamento individualizado do progresso de cada aluno.

Outro aspecto importante é a promoção de um ambiente escolar inclusivo e acolhedor, onde a diversidade seja valorizada e respeitada por todos os membros da comunidade educativa. Isso envolve a conscientização dos alunos sobre as necessidades e potencialidades de seus colegas com deficiência visual, incentivando a empatia, o respeito e a solidariedade.

É de vital importância que as escolas estejam devidamente equipadas com recursos e tecnologias que facilitem a acessibilidade e a participação plena dos alunos com deficiência visual. Isso inclui a disponibilização de materiais didáticos em Braille, a adaptação de espaços físicos para garantir a mobilidade e a segurança dos estudantes, e o uso de tecnologias assistivas, como softwares de leitura de tela e dispositivos de ampliação de texto.

No âmbito das políticas públicas, é necessário que os governos promovam ações voltadas para a inclusão educacional de pessoas com deficiência visual, garantindo o acesso universal à educação e o cumprimento dos direitos previstos em legislações nacionais e internacionais, como a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência.

Por fim, é importante destacar o papel da família como parceira no processo educacional de crianças com deficiência visual. O apoio e o envolvimento dos pais e responsáveis são fundamentais para o sucesso escolar desses alunos, pois contribuem para o fortalecimento de sua autoestima, confiança e autonomia.

Isso implica na elaboração e implementação de políticas específicas que assegurem a inclusão de alunos com deficiência visual em todas as etapas e modalidades de ensino, desde a educação infantil até o ensino superior. Essas políticas devem contemplar a formação de professores e demais profissionais da educação, visando capacitá-los para atender às necessidades desses alunos de forma adequada e inclusiva.

Os governos devem investir na disponibilização de recursos e tecnologias assistivas nas escolas, garantindo o acesso a materiais didáticos adaptados, equipamentos especializados e dispositivos de auxílio à comunicação e à mobilidade. Isso contribui para eliminar as barreiras físicas e tecnológicas que impedem a participação plena dos alunos com deficiência visual no ambiente escolar.

Outro ponto importante é a promoção de políticas de acessibilidade que garantam a adaptação de espaços físicos, a oferta de transporte escolar acessível e a disponibilização de profissionais de apoio e intérpretes de Libras (Língua Brasileira de Sinais) para alunos surdocegos, por exemplo. Essas medidas são essenciais para garantir o direito à educação de qualidade de forma equitativa e inclusiva.

É necessário que os governos promovam campanhas de conscientização e sensibilização da sociedade sobre a importância da inclusão educacional de pessoas com deficiência visual, combatendo estigmas, preconceitos e discriminações. Isso contribui para criar um ambiente mais acolhedor e receptivo às diferenças, promovendo a valorização da diversidade e o respeito aos direitos humanos de todos os cidadãos.

No contexto internacional, é fundamental que os governos ratifiquem e implementem as diretrizes estabelecidas pela Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, garantindo o pleno exercício dos direitos civis, políticos, econômicos, sociais e culturais dessas pessoas. Isso inclui o direito à educação inclusiva, à igualdade de oportunidades e à participação na vida em sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas.

O sistema Braille é uma conquista histórica crucial para a educação e autonomia das pessoas cegas e com baixa visão. Desenvolvido por Louis Braille no século XIX, o Braille revolucionou a forma como essas pessoas podem acessar e interagir com a informação escrita de maneira independente e eficaz.

Os caracteres do Braille são formados por até seis pontos dispostos em uma célula retangular, onde cada combinação desses pontos representa letras, números, sinais de pontuação e símbolos matemáticos. A disposição dos pontos em relevo permite que os usuários sintam e interpretem o texto por meio do tato, utilizando os dedos para ler e escrever.

A aprendizagem do Braille começa cedo para crianças com deficiência visual, sendo uma ferramenta essencial para sua alfabetização. Desde os primeiros anos escolares, é fundamental que os estudantes tenham acesso a materiais educacionais adaptados em Braille, o que possibilita que acompanhem o currículo escolar de forma equiparada aos seus colegas sem deficiência visual.

Além de ser um sistema de leitura e escrita, o Braille desempenha um papel significativo na promoção da independência e inclusão social das pessoas cegas. Com habilidades em Braille, esses indivíduos podem não apenas ler livros e materiais educacionais, mas também escrever suas próprias notas, cartas e até mesmo usar dispositivos eletrônicos adaptados que traduzem texto para Braille em tempo real.

A utilização do Braille vai além do ambiente escolar, sendo essencial em diversas esferas da vida cotidiana, como acesso a informações bancárias, instruções em embalagens de produtos, cardápios em restaurantes, entre outros. A acessibilidade proporcionada pelo Braille é fundamental para a plena participação das pessoas com deficiência visual na sociedade.

No entanto, apesar de sua importância, o Braille enfrenta desafios no mundo moderno, especialmente com o advento de tecnologias digitais. Embora dispositivos eletrônicos tenham facilitado o acesso à informação por meio de áudio e texto digital, o Braille continua sendo crucial, pois oferece uma experiência de leitura detalhada e permite o desenvolvimento completo das habilidades linguísticas e cognitivas.

A alfabetização em Braille exige um compromisso contínuo de educadores especializados, desenvolvedores de materiais educativos e da sociedade em geral para garantir que todas as crianças cegas e com baixa visão tenham acesso equitativo a uma educação de qualidade. Isso inclui o desenvolvimento e a distribuição de materiais educativos em Braille, a formação de professores especializados e o investimento em tecnologias que apoiem o aprendizado e o uso do sistema Braille.

O sistema Braille representa muito mais do que um método de comunicação tátil; é um símbolo de independência, inclusão e igualdade para as pessoas com deficiência visual. Sua relevância perdura ao longo dos anos, adaptando-se às necessidades e avanços tecnológicos para continuar promovendo a educação e a autonomia desses indivíduos em todo o mundo.

Em suma, para garantir a inclusão educacional de pessoas com deficiência visual, é necessário que os governos desenvolvam e implementem políticas públicas abrangentes, que assegurem o acesso universal à educação e o cumprimento dos direitos humanos desses indivíduos. Isso requer o envolvimento de todos

os setores da sociedade, bem como o compromisso político e financeiro dos governantes com a promoção da inclusão e da igualdade de oportunidades para todos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A combinação da grafia em Braille com as novas tecnologias de informação representa uma evolução significativa no acesso à escrita e na participação social das pessoas cegas. Com o avanço da tecnologia digital, diversas ferramentas e dispositivos foram desenvolvidos para complementar e expandir as capacidades do Braille, proporcionando ainda mais oportunidades para a inclusão e autonomia.

Dispositivos como leitores de tela e softwares de tradução de texto para Braille em tempo real permitem que pessoas cegas utilizem computadores, smartphones e tablets para acessar informações digitais, comunicar-se por e-mail, navegar na internet e até mesmo participar de redes sociais. Essas tecnologias não apenas facilitam o acesso à informação, mas também promovem a interação e a integração em um mundo cada vez mais digitalizado.

Além disso, a combinação do Braille com tecnologias como impressoras Braille e displays táteis possibilita a produção rápida e eficiente de materiais educacionais, literários e profissionais em formato Braille. Isso amplia o acesso a uma vasta gama de conteúdos e recursos que antes poderiam ser limitados pela disponibilidade e custo dos materiais em Braille tradicional.

A integração das novas tecnologias com o Braille não substitui, mas complementa e enriquece a experiência educacional e cultural das pessoas cegas. Ela oferece flexibilidade, dinamismo e personalização nas formas como esses indivíduos acessam, criam e compartilham informações escritas, fortalecendo sua participação plena na sociedade.

Portanto, a combinação da grafia em Braille com as novas tecnologias de informação não apenas amplia as oportunidades de acesso à escrita para pessoas cegas, mas também promove

uma participação mais ativa e inclusiva em diversas práticas sociais, culturais e profissionais, contribuindo para a construção de uma sociedade mais acessível e equitativa para todos.

Em resumo, para garantir a efetivação do aprendizado e uma educação integral a alunos com deficiência visual, é necessário adotar uma abordagem inclusiva e multidisciplinar, que valorize suas potencialidades e promova sua participação ativa no ambiente escolar e na sociedade como um todo. Isso requer o envolvimento de todos os atores educacionais, bem como o compromisso contínuo com a promoção dos direitos e da dignidade de todas as pessoas, é fundamental reconhecer a importância do sistema Braille na alfabetização de crianças cegas e com baixa visão, bem como investir em formação e suporte para os educadores, a fim de garantir uma educação inclusiva e de qualidade para todos os alunos.

A combinação da grafia em Braille e das novas tecnologias de informação oferece oportunidades significativas de acesso à escrita e de participação ampla dos cegos nas práticas sociais. O sistema Braille continua sendo uma ferramenta essencial para a alfabetização e comunicação de pessoas cegas, permitindo-lhes ler e escrever por meio do tato. No entanto, as novas tecnologias, como softwares de leitura de tela, dispositivos móveis e aplicativos especializados, ampliam ainda mais as possibilidades de acesso à informação e de interação com o mundo ao redor.

Por meio dos softwares de leitura de tela, os cegos podem acessar conteúdos digitais, navegar na internet, ler e-mails, documentos e livros eletrônicos, utilizando apenas o áudio como interface. Essas tecnologias tornam possível a integração dos cegos em ambientes virtuais e o acesso a uma vasta gama de informações e serviços online.

Além disso, dispositivos móveis, como smartphones e tablets, oferecem aplicativos e recursos específicos para pessoas cegas, como teclados virtuais em Braille, reconhecimento de voz, assistentes virtuais e aplicativos de

navegação por GPS adaptados. Essas ferramentas facilitam a comunicação, a orientação e a realização de tarefas do dia a dia de forma independente e autônoma.

As novas tecnologias também possibilitam a produção e distribuição de materiais acessíveis em Braille de forma mais eficiente e econômica. Impressoras Braille digitais e dispositivos de impressão em relevo permitem a criação de livros, materiais didáticos e documentos em Braille com rapidez e precisão, ampliando o acesso dos cegos à leitura e à informação.

As novas tecnologias têm desempenhado um papel fundamental na melhoria da produção e distribuição de materiais acessíveis em Braille, tornando-os mais eficientes, econômicos e amplamente disponíveis para pessoas cegas e com baixa visão. A introdução de impressoras Braille digitais e dispositivos de impressão em relevo representa um avanço significativo no campo da acessibilidade, facilitando a criação de livros, materiais didáticos e documentos em Braille de maneira rápida e precisa.

As impressoras Braille digitais utilizam tecnologia avançada para traduzir texto digital diretamente para Braille e produzir documentos em relevo de alta qualidade. Esses dispositivos são capazes de imprimir em Braille tanto em pequena escala, para uso pessoal, quanto em grandes quantidades, para publicações comerciais e educacionais. Isso significa que editoras, escolas, bibliotecas e outros provedores de conteúdo podem produzir materiais em Braille de forma mais acessível e econômica do que com métodos tradicionais.

Além das impressoras Braille, dispositivos de impressão em relevo também desempenham um papel importante na produção de materiais acessíveis. Esses dispositivos podem ser utilizados para criar diagramas táteis, mapas e gráficos em relevo, oferecendo uma representação tátil de informações visuais que são essenciais para o aprendizado e compreensão de muitos campos acadêmicos e profissionais.

A rapidez e a precisão dessas tecnologias permitem que pessoas cegas e com baixa visão tenham acesso oportuno a materiais educacionais atualizados, literatura contemporânea, informações profissionais e documentos pessoais. Isso é crucial para promover a igualdade de acesso à educação e à informação, capacitando esses indivíduos a participarem plenamente na sociedade e no mercado de trabalho.

Além da produção, as novas tecnologias também facilitam a distribuição eficiente de materiais em Braille. Plataformas digitais e bibliotecas online especializadas permitem que usuários solicitem e acessem uma ampla variedade de conteúdos em formato Braille sem as limitações geográficas que antes dificultavam o acesso a materiais impressos.

A integração dessas tecnologias no ambiente educacional e profissional não apenas melhora a acessibilidade, mas também fortalece a independência e a autonomia das pessoas cegas. Elas podem não apenas consumir conteúdo em Braille, mas também produzir seus próprios documentos, anotações e comunicações de maneira eficaz.

É importante destacar que, apesar dos avanços significativos, o acesso a tecnologias acessíveis e a materiais em Braille ainda enfrenta desafios, incluindo custos elevados de dispositivos e materiais, disponibilidade limitada de conteúdo em Braille digitalizado e a necessidade contínua de treinamento e suporte técnico para usuários e educadores.

No entanto, o desenvolvimento contínuo e a adoção de tecnologias acessíveis estão ajudando a superar esses obstáculos, promovendo um acesso mais equitativo à leitura e à informação para pessoas cegas e com baixa visão. À medida que a tecnologia avança, espera-se que mais oportunidades sejam criadas para melhorar a qualidade de vida e promover a inclusão desses indivíduos em todos os aspectos da sociedade moderna.

Além disso, a disponibilidade de conteúdos digitais acessíveis em formatos

alternativos, como áudio-livros, e-books acessíveis e documentos eletrônicos adaptados, amplia as opções de leitura e aprendizado para pessoas cegas, proporcionando uma experiência de leitura mais inclusiva e dinâmica.

Em suma, a combinação da grafia em Braille e das novas tecnologias de informação oferece oportunidades sem precedentes de acesso à escrita e de participação ativa dos cegos nas práticas sociais. Essas ferramentas possibilitam uma maior autonomia, independência e inclusão desses cidadãos, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa, igualitária e acessível para todos.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. *Grafia Braille para a Língua Portuguesa* / Elaboração: SANTOS, F. C.; OLIVEIRA, R. F. C. – Brasília-DF, 2018, 3ª edição. 95p
- CALHEIROS, S. D.; MENDES, E. G.; LOURENÇO, G. F. Considerações acerca da tecnologia assistiva no cenário educacional brasileiro. *Revista Educação Especial*, Santa Maria, v. 31, n. 60, p. 229-244, jan./mar. 2018.
- CORTELAZZO, I. B. C. Formação de professores para uma educação inclusiva medida pelas tecnologias. In: GIROTO, C. R. M.; POKER, R. B.; OMOTE, S. (Org.). *As tecnologias nas práticas pedagógicas inclusivas*. Marília/SP: Cultura Acadêmica, p. 63-120, 2012.

Alexandre Passos Bitencourt

... o medo também pode provocar efeitos que levam a paralisar e reprimir o sujeito a ponto de causar-lhe ansiedade, angústia, sensação de incompletude, de fraqueza, de isolamento e até depressão.

QUAL O SEU MEDO?

MEDO de MIM

Alexandre Passos Bitencourt

MEDO de MIM



AS PROPOSTAS DE EDUCAÇÃO MUSICAL PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL

FABIANA MARIA ALVES SOLLA DI LESSOLO¹

RESUMO

As propostas envolvendo o desenvolvimento pedagógico na Educação Infantil, baseado na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e demais documentos norteadores desta etapa escolar, consideram fundamentais as manifestações culturais e artísticas que envolvem as diferenças étnicas, culturais, religiosas, sociais, entre outras questões. A utilização da música cria possibilidades de reflexão para as crianças em relação ao mundo ao seu redor. Desta forma, é extremamente importante garantir o seu ensino, introduzindo-a ao seu cotidiano a linguagem sonora. O presente artigo teve como objetivo discutir o processo de musicalização durante esta etapa de ensino; e como objetivos específicos as contribuições que ela traz para o desenvolvimento infantil. A metodologia utilizada foi a de revisão bibliográfica trazendo importantes autores a respeito do assunto, como Queiroz e Marinho (2006), Gobbi (2010), Tuleski e Eidt (2016). Os resultados encontrados demonstraram que a música é peça-chave importante para desenvolver o processo sociocognitivo, contribuindo para outras aprendizagens.

Palavras-chave: Educação Infantil; Música; Base Nacional Comum Curricular.

INTRODUÇÃO

A música contribui em muito para contar a história do ser humano, já que geralmente encontra-se presente em determinados acontecimentos, como no exemplo do Brasil que durante a Ditadura Militar havia uma censura rígida com relação às músicas, justamente por contarem questões políticas.

Ao pensar no universo musical, as crianças geralmente o conhecem desde pequenas, até mesmo quando se encontram na barriga das mães que têm como hábito cantarem ou ouvirem músicas ao longo da gravidez. Essa relação que ocorre de forma prematura contribui para o desenvolvimento dos processos cognitivos, linguísticos e motores.

A música estrutura os chamados de signos sonoros levando-se em consideração determinado tempo e espaço. O planejamento voltado para a Educação Infantil necessita levar em consideração determinados princípios básicos, voltados para as diversificadas manifestações artísticas e culturais considerando a heterogeneidade cultural, social, étnica, entre outras questões.

Ainda, seu foco de ensino está baseado no estudo, na reflexão, na prática e na diversidade. Por isso, ela deve ser trabalhada de forma interdisciplinar, contribuindo para o desenvolvimento cognitivo e pleno das crianças.

A música pode ser criada durante uma brincadeira com diferentes sons o que

¹ Graduação em Pedagogia pelo Centro Universitário de Araras - Dr. Edmundo Ulson (2007); Especialista em História, Arte e Educação nos Museus Paulistas pela Faculdade Unificada do Estado de São Paulo (2022); Professora de Educação Básica de Língua Portuguesa no Estado de São Paulo, SEE, SP. Professora de Educação Infantil e Ensino Fundamental I na Prefeitura Municipal de São Paulo, SME, PMSP.

transforma os ambientes. Assim, no caso das escolas, tem-se entre outras questões, a problemática de que muitos docentes não conseguem compreender a importância de utilizá-las durante as aulas para ensinar algum conteúdo, por exemplo.

Como problemática, muitas experiências musicais a que os educandos são expostos, podem ser reduzidas a organização de atividades relacionadas ao recreio, ganhando um aspecto disciplinar em relação à infância.

Justifica-se o presente artigo a fim de discutir as contribuições da música para o aprendizado das crianças ao contribuir com a construção da sua identidade e reconhecer o ambiente a sua volta, a partir dos diferentes sons e suas particularidades como timbre, altura e grau, através das brincadeiras, risadas, objetos, entre outros instrumentos emitindo os mais variados sons.

Assim, o objetivo geral inclui discussões a respeito das implicações da musicalização na etapa da Educação Infantil; e como objetivos específicos, a legislação que envolve esse tipo de ensino relacionada ao desenvolvimento sociocognitivo dos educandos.

LEGISLAÇÃO PERTINENTE AO ENSINO DE MÚSICA

Apesar de antigo, o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI), trouxe discussão a respeito da música enquanto conhecimento de mundo, sendo uma linguagem a ser desenvolvida como: “excelente meio para o desenvolvimento da expressão, do equilíbrio, da autoestima e autoconhecimento, além de poderoso meio de integração social” (BRASIL, 1998, p.46).

Ainda, segundo o documento, essa vertente deve ser proporcionada por um único docente, uma vez que: “se refere à construção das diferentes linguagens pelas crianças e às relações que estabelecem com os objetos de conhecimento e traz uma ênfase na relação com alguns aspectos da cultura” (BRASIL, 1998, p.46).

No ano de 2008, o projeto de Lei 2.732/2008 trouxe como sugestão alterações na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN):

Art. 1º O art. 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar acrescido dos seguintes §§:” Art. 26 [...] § 6º A música deverá ser conteúdo obrigatório, mas não exclusivo, do componente curricular de que trata o § 2º. § 7º O ensino da música será ministrado por professores com formação específica na área.” (NR) Art. 2º Os sistemas de ensino terão 3 (três) anos letivos para se adaptarem às exigências estabelecidas no art. 1º. Art. 3º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação (BRASIL, 2008, s/p.).

Assim, surgiu a Lei nº 11.769/2008, voltada para o ensino de música nas Escolas de Educação Básica, de forma obrigatória, alterando o Artigo 26 da LDBEN nº 9394/1996, fazendo com que as práticas artísticas como as artes visuais, a dança, o teatro e a música, fossem repensadas.

Em especial, no caso da música demonstrou-se a necessidade de estudar a prática, a reflexão e a enorme diversidade, havendo a necessidade de constar inclusive no Projeto Político Pedagógico (P.P.P.). Ainda, é preciso constar no planejamento pedagógico, podendo ser aplicada inclusive de forma interdisciplinar, já que é comprovada a sua contribuição para desenvolver os aspectos cognitivos das crianças.

As Diretrizes Nacionais para a operacionalização do Ensino de Música na Educação Básica (CNE/CEB nº 12/2013 de 04/12/2013), trouxe a urgência de um currículo baseado em uma matriz de saberes para o ensino da música, desde a Educação Infantil até o Ensino Fundamental e Médio.

Outras questões também ocorreram na área educacional, como a também já citada BNCC, unificando o currículo. Nesse caso, ampliou-se a carga horária destinada às experiências, incluindo as musicais, onde é preciso repensar na prática docente a fim de torná-la realmente significativa, a partir de metodologias adequadas voltadas para o ensino nesta etapa escolar (BRASIL, 2019).

Ou seja, os documentos que orientam o trabalho pedagógico na Educação Infantil, trouxeram o trabalho com a linguagem musical, a partir das improvisações, do conhecimento de corpo, de construir diferentes instrumentos musicais, entre outras questões. É através da música que a criança aprende a se expressar e o papel da escola é desenvolver potencialidades apresentando sua parte poética, sua composição e sua diversidade.

Ainda quanto a BNCC, no caso específico da Educação Infantil, resultou na ampliação da carga horária voltada para as experiências, envolvendo a arte como um todo e suas linguagens, trazendo a música como elemento obrigatório nesta etapa escolar. As discussões sobre o trabalho docente têm ocorrido de forma significativa, contribuindo com métodos adequados a esse contexto (BRASIL, 2019).

Para Brito (2003), as crianças quando escutam música não necessariamente irão abraçar determinadas regras ou notar tipicidades, mas, vai vivenciar aquele dado momento de aprendizagem. Por isso, quando o educando começa a ter contato, aprimora-se determinadas habilidades, diferenciando o ouvir, os sons e as diferenças culturais existentes.

No caso da BNCC as escolas devem encontrar algumas alternativas a fim de que seu ensino se concretize ainda na Educação Básica:

(...) a primeira, a médio e longo prazo, está relacionada à atuação de um profissional com formação específica em música ... Já a segunda alternativa, que pode ser concretizada de forma mais imediata, diz respeito ao oferecimento de cursos de formação musical direcionados aos professores das escolas de educação básica (...) dar a esses profissionais condições necessárias para trabalharem com conteúdos musicais de forma adequada para o desenvolvimento da sensibilidade e da percepção dos alunos (QUEIROZ e MARINHO, 2006, p. 74).

A MÚSICA E SUA RELAÇÃO COM A INFÂNCIA

A criança entra em contato com a música muitas vezes ainda na barriga da mãe ou logo que nasce. A música aparece nas cantigas, em

determinados brinquedos, nas brincadeiras, nas danças e em outras situações. Culturalmente, a música auxilia a fixar determinadas regras, possibilitando novos aprendizados (SIMIONATO e TOURINHO, 2007).

O contato desde a infância contribui para desenvolver os aspectos cognitivo, linguístico e motor: “A importância do ensino de música na escola reside, então, na possibilidade de despertar habilidades e condutas na criança, levando-a a sentir-se sensibilizada pela música valendo-se da criação e da livre expressão” (LOUREIRO, 2003, p.1).

Por isso, a música acaba por desenvolver certas capacidades como a distinção de diferentes sons, incluindo as diferentes culturas existentes. Existe também a possibilidade de ampliação das formas de comunicação, além de desenvolver outras habilidades.

Documentos mais antigos como as Diretrizes Curriculares Nacionais direcionam atividades que podem ser desenvolvidas nesta etapa escolar:

[...] a primeira etapa da educação básica, oferecida em creches e pré-escolas, às quais se caracterizam como espaços institucionais não domésticos que constituem estabelecimentos educacionais públicos ou privados que educam e cuidam de crianças de 0 a 5 anos de idade no período diurno, em jornada integral ou parcial, regulados e supervisionados por órgão competente do sistema de ensino e submetidos a controle social (BRASIL, 2010, p.12).

As Diretrizes Nacionais voltadas para o ensino de música na Educação Básica (CNE/CEB nº 12/2013 de 04/12/2013), trazem a necessidade de um currículo que envolva diferentes saberes, funcionando como uma espécie de ferramenta, independentemente se o docente é ou não especialista.

Nesse caso é preciso ficar atento com a visão educacional, uma vez que pode ocorrer julgamento de certas músicas desconsiderando-as em seu caráter evolutivo, onde as músicas ou sons são compreendidas como barulhos, contrariando as regras do silêncio. A música é muitas vezes parte principal das brincadeiras,

fazendo parte da cultura como é o caso do folclore brasileiro (GOBBI, 2010).

É preciso compreender a dimensão do universo musical, não deixando de lado determinados gêneros, outras culturas, levando-se em consideração também o que a criança escuta em seu contexto familiar, cultural e social. A ideia central não é apenas trazer músicas prontas para trabalhar com os educandos, mas, utilizar a música como fonte de descoberta partindo inclusive para as construções sonoras. Os objetos podem ser transformados em instrumentos musicais, valorizando o trabalho das crianças e enriquecendo seu repertório musical.

A escuta sonora, a percepção, o som utilizado durante a contação de histórias, as brincadeiras cantadas e a diferenciação dos sons, entre outras situações, são importantíssimas para estabelecer aprendizagens e desenvolver diferentes linguagens.

As funções psicológicas são desenvolvidas na infância segundo duas fases: a primeira envolve transformações que deverão ajudar a desenvolver a fala e a escrita; e a segunda aprimora-se e desenvolve-se funções como concentração, memória e inteligência (TULESKI e EIDT, 2016).

Ilari (2003), compreende a música como um incentivo essencial para desenvolver as funções cerebrais das crianças. Culturalmente é corriqueiro o hábito de cantar para os bebês, auxiliando tanto no aprendizado musical, quanto na afetividade, socialização e desenvolvimento da linguagem.

Tuleski e Eidt (2016), relatam que as funções psicológicas superiores se desenvolvem a partir de dois fenômenos, recebendo inclusive as contribuições da música: as transformações psíquicas como o desenvolvimento da fala, da escrita e do desenho, pelo ensino; e os processos de avanço das funções relacionadas a lembrança, julgamento, concentração e inteligência conceitual.

Outras mudanças educacionais trouxeram a necessidade da criação da BNCC,

documento orientador voltado para a equidade do ensino no país:

A Música é a expressão artística que se materializa por meio dos sons, que ganham forma, sentido e significado no âmbito tanto da sensibilidade subjetiva quanto das interações sociais, como resultado de saberes e valores diversos estabelecidos no domínio da cultura. A ampliação e a produção dos conhecimentos musicais passam pela percepção, experimentação, reprodução, manipulação e criação de materiais sonoros diversos, dos mais próximos aos mais distantes da cultura musical dos alunos. Esse processo lhes possibilita vivenciar a música inter-relacionada à diversidade e desenvolver saberes musicais fundamentais para a sua inserção e participação crítica e ativa na sociedade (BRASIL, 2016, p. 154).

No caso da Educação Infantil, o documento trouxe a ampliação da grade horária destinada ao estudo de outras formas de linguagem, no caso da Arte, por exemplo, considerando a música como elemento obrigatório desde a primeira infância. As discussões quanto a utilização da música tem ocorrido de forma significativa, dispondo de métodos adequados (BRASIL, 2019).

A MÚSICA E O DESENVOLVIMENTO CORPORAL

Há tempos vem se discutindo que o ambiente escolar necessita desenvolver:

A linguagem musical deve estar presente nas atividades [...] de expressão física, através de exercícios ginásticos, rítmicos, jogos, brinquedos e roda cantadas, em que se desenvolve na criança a linguagem corporal, numa organização temporal, espacial e energética. A criança comunica-se principalmente através do corpo e, cantando, ela é ela mesma, ela é seu próprio instrumento (ROSA, 1990, s/p.).

O estudo da música, além de envolver questões culturais e o desenvolvimento cognitivo, contribui ainda para a aprendizagem da linguagem corporal como um todo:

Manifestar-se através de diferentes linguagens, o que significa permitir e reconhecer que a oralidade, a escrita, o desenho, a dramatização, a música, o toque, a dança, a brincadeira, o jogo, os ritmos, as inúmeras formas de movimentos corporais, são todos eles

expressões das crianças, que não podem ficar limitadas a um segundo plano (SAYÃO, 2002, p. 61).

Assim, o trabalho de musicalização contribui para que adquiram noções de esquematização corporal:

Atividades como cantar fazendo gestos, dançar, bater palmas, pés, são experiências importantes para a criança, pois elas permitem que se desenvolva o senso rítmico, a coordenação motora, sendo fatores importantes também para o processo de aquisição da leitura e da escrita (BARRETO, 2005, p. 27).

A música envolve as diferentes culturas podendo ser utilizada como fator determinante para diferentes tipos de desenvolvimento: linguístico, psicomotor e afetivo.

Seu ensino na Educação Infantil deve levar em consideração que a criança começa a falar antes mesmo de ler e escrever, tornando-se importante para que ela desenvolva também uma linguagem musical que venha de encontro com as necessidades da infância (ORFF, 1982 Apud CAMARGO, 1994).

No caso da linguagem corporal é um fator importante para desenvolver diversas competências e habilidades e por isso, o docente pode explorar esse eixo temático a fim de desenvolver a expressão corporal, entre outros conhecimentos.

Ayoub (2001) traz a necessidade de se repensar no currículo infantil, tendo como ponto de partida a criança, suas necessidades e especificidades, além da necessidade de se pensar em um currículo que contemple diferentes formas de expressão e linguagem.

Garanhani (2010) explica que a autonomia desenvolvida através dos movimentos corporais ajuda a construir a identidade corporal da criança. O processo ocorre nas relações com o outro, durante a socialização, apropriando-se de elementos culturais que traduzem conhecimentos, atitudes, valores, práticas e regras.

A criança passa a se expressar e se movimentar corporalmente em especial, na escola. Desta forma, esse ambiente contribui

para sistematizar e ampliar conhecimentos, considerando as características e as necessidades que a educação corporal representa para suas vidas.

A integração desses eixos ocorre através do brincar, pois, é por meio das brincadeiras que a criança experimenta, explora e compreende os significados culturais presentes no seu meio, resultando em aprendizagem.

Pesquisadores têm discutido sobre questões como ritmo e movimento, que inclusive são comuns na área de Arte e Educação Física, onde uma associação equilibrada entre as duas pode ser utilizada como recurso educacional.

Esta etapa escolar compreende especialmente a faixa etária de três a seis anos, devendo-se levar em consideração as teorias que conduzem as práticas pedagógicas voltadas para a motricidade durante o ensino e aprendizagem. A educação é um processo contínuo e ao mesmo tempo evolutivo, devendo ser pensado nas crianças, tornando-se necessário evidenciar este processo já que esta fase é de suma importância para o desenvolvimento humano.

É preciso considerar a infância como uma fase que compreende o ser histórico e social em que as aprendizagens ocorrem a partir das interações entre a criança e o mundo ao seu redor. Por isso, independentemente das orientações didáticas é preciso priorizar a utilização de jogos e brincadeiras, a música e outras atividades que envolvam o reconhecimento do próprio corpo, do corpo do outro e da imitação gestual:

O movimento, o brinquedo, os jogos tradicionais da cultura popular preenchem de alguma forma determinadas lacunas na rotina das salas de aula. Em algumas escolas podemos encontrar as músicas coreografadas no início dos trabalhos, o momento do parque livre ou dirigido, os caminhos com jogos ou materiais lúdicos (MATTOS E NEIRA, 2003, p.176).

A musicalização pode acontecer a partir das brincadeiras, da ludicidade, de canções variadas, da utilização de gestos, imitações e a expressão corporal, onde o docente pode

despertar a curiosidade, utilizando a música como uma ferramenta para o aprendizado.

Diferentes pesquisas demonstram que o Brasil tem aproveitado a música pautada nesses princípios, colaborando com boas atitudes, condutas melhores, levando-se em consideração o quanto é importante para desenvolver a expressão corporal.

Desta forma, a música se faz presente em todas as culturas podendo ser utilizada como fator determinante para o desenvolvimento psicomotor, linguístico e afetivo das crianças. Na escola, as crianças podem se expressar e se movimentar corporalmente, havendo a necessidade de sistematizar e ampliar conhecimentos, considerando as características e necessidades que a educação corporal e em música apresentam:

O importante é começar a trabalhar a linguagem musical com improvisação, exploração corporal, manipulando, classificando, registrando, identificando, escutando sons e música, enfim, produzir e pensar música. Por meio da música o aluno pode se expressar, sendo assim, não deve ser vista como passatempo, ou ser trabalhada de maneira descontextualizada. O professor deve explorar o que ela tem de melhor a oferecer, como sua poesia, sua melodia, seu encanto. Deve haver uma conciliação entre prazeres que a música proporciona e sua importância como forma de expressão e, também, como algo que critica e transforma a realidade (MENDES, 2009, p. 39-40).

Deve-se realizar uma pequena observação quanto ao não aconselhamento de não se iniciar nesta etapa escolar o aprendizado musical (aquele que apresenta definição diferente da musicalização), pelo fato de no aprendizado musical exigir-se uma utilização técnica de determinado instrumento musical; o que não cabe na etapa escolar discutida, podendo ser aplicado posteriormente após o processo de musicalização nessa etapa (MELO et al., 2009).

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente artigo teve por objetivo realizar levantamento bibliográfico documental

a respeito das contribuições da música no cenário atual da educação, incluindo a sua relação com a infância e a legislação pertinente ao tema. A discussão foi realizada com base em revisão bibliográfica a respeito do assunto.

Para a realização da presente pesquisa foi escolhida a metodologia qualitativa, pois, apresenta-se como um tipo de pesquisa conclusivo, uma vez que tem por objetivo quantificar uma dada situação-problema, que neste caso, refere-se também as concepções erradas que os docentes têm sobre o uso da música em sala de aula.

Como aporte teórico do artigo, tem-se Garanhani e Moro (2000), Barreto (2005), Queiroz e Marinho (2006), Mendes (2009), dentre outros autores que trazem a questão referente à introdução da música já na Educação Infantil a fim de desenvolver diferentes aspectos junto às crianças.

Desta forma, foram analisados artigos, dissertações, incluindo-se as próprias observações realizadas no cotidiano escolar sobre a temática, a fim de gerar reflexões a respeito do tema, contribuindo para uma melhor compreensão do tema em questão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da revisão bibliográfica realizada a respeito do tema foi possível concluir que a musicalização na Educação Infantil estimula o desenvolvimento global das crianças, integrando os mais diferentes contextos como as questões culturais, possibilitando também que as crianças sejam acolhidas de forma ímpar, tanto a partir das interações quanto ao respeito às diferenças.

A legislação evidencia nesta etapa escolar que o processo de ensino e aprendizagem a partir da aplicação da música enquanto instrumento, contribui para uma série de situações, incluindo-se o desenvolvimento e o aprimoramento de diferentes competências e habilidades junto às crianças.

Tanto a musicalização quanto as outras diferentes manifestações artísticas são consideradas a base da Educação Infantil. Para ensinar música nesta fase escolar, é preciso pensar em recursos e práticas que trabalhem a pluralidade e o contexto das crianças, no tocante a suas potencialidades. A música deve estar relacionada à alfabetização musical a fim de desenvolver sua linguagem. Esse tipo de apropriação transforma as crianças, principalmente nas formas de agir, refletir, perceberem, envolvendo ainda o desenvolvimento dos aspectos subjetivos.

Ainda, nesta fase escolar as crianças brincam, experimentam, ajustam e constroem os diferentes movimentos corporais principalmente durante a interação com os colegas, tornando esse ambiente privilegiado no sentido de desenvolver a autonomia corporal e ter contato a partir de diversas vivências com os movimentos corporais provenientes da cultura que as cerca.

Por fim, pode-se concluir que os resultados encontrados demonstraram que a música funciona como uma peça-chave importante para desenvolver o aspecto sociocognitivo das crianças, contribuindo para outras aprendizagens também, como a questão sociocultural e a apropriação do próprio esquema corporal.

REFERÊNCIAS

- AYUOB, E. Reflexões sobre a Educação Física na Educação Infantil. *Revista Paulista de Educação Física*, São Paulo, vol. 4, n. 4, p. 53-60, 2001.
- BARRETO, D. Dança: ensino, sentidos e possibilidades na escola. 2ªed. Campinas – SP: Autores Associados, 2005.
- BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2019. Disponível em: <. Acesso em: 10 mai. 2023.
- BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Proposta preliminar. Ministério da Educação. Segunda versão revista. Brasília: MEC, 2016. Disponível em: . Acesso em: 26 abr. 2023.
- BRASIL. Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil. Brasília: 2010, p. 12. Disponível em: <<http://ndi.ufsc.br/files/2012/02/Diretrizes-Curriculares-para-a-EI.pdf>>. Acesso em: 28 abr. 2023.
- BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Lei nº 11.769 de 18 de agosto de 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11769.htm. Acesso em: 17 abr. 2023.
- BRITO, T.A.de. Música na educação infantil. São Paulo: Peirópolis, 2003.
- CAMARGO, M. L.M. de. Música/movimento: um universo em duas dimensões. Belo Horizonte: Vila Rica, 1994.
- GARANHANI, M.C.; MORO, V.L. A escolarização do corpo infantil: uma compreensão do discurso pedagógico a partir do século XVIII. *Educar em Revista*, Curitiba, n. 16, p.109-119, 2000.
- GOBBI, M. Múltiplas linguagens de meninos e meninas e a Educação Infantil. *Anais do I Seminário Nacional: Currículo em Movimento – Perspectivas Atuais*, Belo Horizonte, 2010.
- ILARI, B. A música e o cérebro: algumas implicações do neurodesenvolvimento para a educação musical. *Revista da Abem*, 2003, 9, 7-16. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/495b/19b4c8892f11bfeec193c8ffa46f22a5fcaf.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2023.
- LOUREIRO, A.M.A. O ensino de música na escola fundamental. Campinas, SP: Papirus, 2003.
- MARIANO, F.L.R. Música no berçário: formação de professores e a teoria da aprendizagem musical de Edwin Gordon. São Paulo: Universidade de São Paulo / Faculdade de Educação, 2015.
- MATTOS, M.G.; NEIRA, M.G. O papel do movimento na Educação Infantil. IN NICOLAU, Marieta Lúcia Machado e DIAS, Marina Célia Moraes (org.) *Oficinas de Sonho e Realidade na Formação do Educador da Infância*. Campinas, SP: Papirus, 2003.
- MELO, N.N.M.M.; SANTOS, V.A.M; NUNES, D.A.S e SILVA, V.L.L.G. A importância da música para o desenvolvimento da criança de educação infantil. Disponível em: . Acesso em: 29 abr. 2023.
- MENDES, J.M. A música vai à escola: diferentes olhares dos professores do 1º ao 5º ano do município de Içara/SC sobre o ensino de música nas aulas de arte. 2009. 63 f. TCC (Licenciatura em Artes Visuais) - Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2009.
- QUEIROZ, L.R.S.; MARINHO, V.M. Educação musical nas escolas: uma proposta de formação continuada para professores do ensino fundamental do município de Cabedelo-PB. XVI Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Música (ANPPOM). Anais... Brasília, 2006. Disponível em: <www.pesquisamusicaufpb.com.br/Masters/ed_musica.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2023.
- SAYÃO, D.T. A construção de identidades e papéis de gênero na infância: articulando temas para pensar o trabalho pedagógico da Educação Física na Educação Infantil. *Revista Pensar a Prática: Educação Física e infância*, Goiânia, v. 5, p. 1-14, jul./jun. 2001/2002.
- SIMIONATO, L.C.; TOURINHO, C. Contribuição do aprendizado de canções no desenvolvimento da linguagem verbal. In Associação Brasileira de Cognição e Artes Musicais. 2007. Anais do 3º Simpósio de Cognição e Artes Musicais. Bahia UFBH 2007 p. 371-377.
- ROSA, N.S.S. Educação musical para a pré-escola. São Paulo: Ática, 1990.
- TULESKI, S. G., EIDT, N. M. A periodização do desenvolvimento psíquico: atividade dominante e a formação das funções psíquicas superiores. In Martins, L. M., Abrantes, A. A., & Facci, M. G (Org.), *Periodização histórico-cultural do desenvolvimento psíquico: do nascimento à velhice* (pp.35-62). Campinas, SP, 2016: Autores Associados.

NÓS PUBLICAMOS SEU LIVRO

A partir de 50 exemplares

[CONTATE-NOS](#) [SOBRE NÓS](#)

Contato
Email: livroalternativo@gmail.com
Fone: 11 99827-5833

Localização
Itaim Paulista
São Paulo - SP

Desde 2017

Desde 2017

QUER PUBLICAR O SEU LIVRO?

ME PERGUNTE COMO.



SENTINDO A ANIMAÇÃO: STOP MOTION PARA ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA VISUAL

MARIANA MOI BONFIM JONGBLOETS¹

RESUMO

"Sentindo a Animação: Stop Motion para estudantes com deficiência visual" promove a inclusão de estudantes no universo do stop motion, especialmente aqueles com deficiência visual. Direcionado para estudantes do 5º ano do ensino fundamental I ao 9º ano do ensino fundamental II, busca introduzir a linguagem da animação por meio de experiências táteis e corporais. Por meio de recursos acessíveis, exploração colaborativa e utilização de tecnologias simples, o projeto fomenta a criatividade, a inclusão e a compreensão do movimento quadro a quadro. Este artigo apresenta as etapas, recursos, objetivos específicos e reflexões sobre a prática inclusiva da animação.

Palavras-chave: stop motion, inclusão, deficiência visual, educação, acessibilidade.

INTRODUÇÃO

A inclusão educacional de estudantes com deficiência visual representa um desafio que exige soluções pedagógicas criativas e adaptadas. Segundo Silva et al. (2023), o desenvolvimento de métodos de ensino acessíveis é fundamental para garantir a equidade na educação. Nesse contexto, o projeto "Sentindo a Animação" busca introduzir a técnica do stop motion a estudantes do ensino fundamental, utilizando abordagens inclusivas que favorecem a aprendizagem coletiva.

A deficiência visual abrange uma ampla gama de graus e tipos de perda de visão, que podem variar desde uma visão parcialmente reduzida até a cegueira total. De acordo com Vygotsky (1989), é considerada um dos aspectos abordados dentro da Defectologia. Enfatiza também, a importância de compreender as particularidades e necessidades dos indivíduos com deficiência visual, destacando a importância

de estratégias pedagógicas adaptadas e a valorização do potencial de desenvolvimento desses indivíduos. Conforme Sá (2014, p.206) "a sociedade é caracterizada pelo "visocentrismo" a visão ocupando o topo de sentidos e da comunicação humana.

Diante disso, o projeto teve como objetivo articular ideias relacionadas ao "visocentrismo", que tem como característica o stop motion, e a compreensão da linguagem a partir de uma abordagem triangular, a qual proporciona aos estudantes com deficiência visual a oportunidade de entender o que é o stop motion e seus diversos processos.

Como base, utilizou-se os conceitos apresentados no curso de stop motion promovido pelo Núcleo de Educomunicação da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo. Inspirada em práticas educacionais, a iniciativa alia experiências táteis e tecnológicas para criar um ambiente inclusivo e colaborativo

¹ Bacharel em Educação Artística. Especialização em História da Arte. Pós-graduada em Neuropsicopedagogia e em Educação Especial com ênfase em AEE. Atuou como professora no Colégio Vicentino de Cegos Padre Chico entre 2017 e 2023. Atualmente, faz parte da equipe da Assessoria Parlamentar da Secretaria Municipal de Educação da Cidade de São Paulo.

entre estudantes com e sem deficiência visual. Assim, promove-se a superação de barreiras de acessibilidade e o desenvolvimento de competências criativas e sociais.

SURGIMENTO DO PROJETO

O projeto "Sentindo a Animação" foi idealizado em 2024, no contexto de um curso sobre técnicas de animação oferecido pelo Núcleo de Educomunicação da Secretaria Municipal de Educação da Cidade de São Paulo. Sua concepção partiu da proposta de adaptar os conhecimentos adquiridos às demandas da educação inclusiva, possibilitando a participação de estudantes com deficiência visual no processo criativo da animação em stop motion. Desde o início, a audiodescrição foi incorporada como recurso essencial, em conformidade com as recomendações de Kotinsky (2021), assegurando que todas as etapas fossem acessíveis e compreensíveis para o público-alvo.

Além de incentivar a prática da acessibilidade, o projeto buscou promover a conscientização da comunidade sobre a diversidade e o respeito às diferenças, criando um espaço reflexivo em torno da inclusão.

Seus objetivos específicos incluíram a introdução de conceitos de animação em stop motion mediante o uso de recursos táteis e descrição verbal, facilitando a compreensão por parte dos estudantes com deficiência visual. Também visou estimular a criatividade na construção de narrativas e personagens, favorecer a percepção do movimento através da manipulação de objetos e fomentar a colaboração entre estudantes com e sem deficiência visual, fortalecendo práticas inclusivas.

A diversidade do grupo desempenhou um papel central no sucesso do projeto. Estudantes com deficiência visual assumiram posições de liderança ao explorar os materiais de forma tátil, contribuindo de maneira significativa para a elaboração dos roteiros. Simultaneamente, estudantes videntes colaboraram organizando os espaços de

filmagem e fornecendo descrições verbais das atividades realizadas. Essa dinâmica de interação favoreceu o aprendizado coletivo e consolidou os princípios de inclusão, demonstrando o potencial transformador da colaboração em ambientes educacionais diversificados.

EXPERIÊNCIAS PRÁTICAS

As etapas do projeto "Sentindo a Animação" foram estruturadas para garantir a acessibilidade e promover uma experiência inclusiva no aprendizado da técnica de stop motion. Inicialmente, os participantes foram introduzidos aos fundamentos teóricos da animação stop motion, com foco na exploração de materiais táteis, recurso essencial para estudantes com deficiência visual. Os materiais utilizados incluíram massinhas de diferentes texturas e cores, além de objetos de formatos variados, que proporcionaram uma rica estimulação sensorial, fundamental para o processo criativo. Na segunda etapa, a exploração tátil foi aprofundada, permitindo a identificação das características sensoriais dos materiais e fomentando discussões em grupo para promover a integração e o compartilhamento de percepções.

A terceira etapa abordou conceitos de movimento por meio de atividades corporais que facilitaram a compreensão de ritmo e fluidez, elementos essenciais para a técnica de animação. Em seguida, na etapa "Histórias Táteis", os estudantes desenvolveram narrativas simples utilizando massinhas, combinando criatividade e experimentação sensorial. Para registrar e manipular as animações, foi utilizado um dispositivo móvel (iPhone 11 Pro Max), aliado aos aplicativos StopMotion e InShot, que permitiram a captura das imagens e a edição dos vídeos.

A edição dos vídeos foi realizada com o auxílio da professora de Arte, que orientou os alunos no processo de organização das sequências e no ajuste das imagens para garantir a fluidez da animação. Além disso, os estudantes videntes participaram ativamente dessa etapa, colaborando na organização das imagens, no

corte e na montagem das cenas, proporcionando uma colaboração mútua entre estudantes com e sem deficiência visual. Esse processo colaborativo na edição reforçou os princípios de inclusão e permitiu uma troca rica de experiências e aprendizados.

Na fase de produção, pequenos grupos planejaram e realizaram a filmagem de suas animações stop motion, fortalecendo a colaboração entre os participantes. Posteriormente, os trabalhos foram exibidos e discutidos, permitindo uma troca de experiências e reflexões sobre o processo criativo e os desafios enfrentados. Por fim, os estudantes registraram relatos individuais, destacando o impacto do projeto em suas perspectivas sobre acessibilidade, inclusão e criatividade.



Imagens: estudantes criando as esculturas utilizadas nos vídeos.
Fonte: autora

Essa organização sistemática das etapas, aliada ao uso de recursos táteis e tecnológicos, buscou não apenas ensinar a técnica de animação, mas também consolidar valores inclusivos, incentivando a participação ativa de todos os envolvidos no processo.

A avaliação foi baseada em critérios qualitativos e quantitativos, como a participação ativa dos estudantes, a criatividade demonstrada nas narrativas, a compreensão dos conceitos de movimento e a colaboração entre os participantes. Conforme discutido por Freire (1987), o aprendizado significativo ocorre quando os estudantes são protagonistas de sua formação, o que foi evidenciado pela integração e pelo entusiasmo demonstrados durante o projeto.

CONCLUSÃO

O projeto "Sentindo a Animação" demonstrou o potencial da técnica de stop motion como uma ferramenta eficaz para promover a inclusão e estimular a criatividade no ambiente escolar, com especial atenção à participação de estudantes com deficiência. Ao integrar experiências táteis, narrativas colaborativas e o uso de tecnologias acessíveis, o projeto reforça a importância de uma educação equitativa, que atenda às necessidades de todos os alunos, independentemente de suas condições físicas ou sensoriais.

Ao criar um ambiente de aprendizagem onde as diferenças são respeitadas e valorizadas, a iniciativa contribui para a construção de uma cultura escolar inclusiva e colaborativa. A participação dos alunos com deficiência nas atividades de animação favorece o desenvolvimento de suas habilidades cognitivas e motoras, ao mesmo tempo que fortalece a convivência entre todos os estudantes, promovendo um senso de respeito mútuo.

LINKS

Stop Motion - Sentindo a Animação - QUINTO ANO - Com áudio descrição
<https://www.youtube.com/watch?v=bzPiYdnJ99Q>

Stop Motion - Sentindo a Animação - SEXTO ANO - Com áudio descrição
https://www.youtube.com/watch?v=9PZUKYH_eh0

Stop Motion - Sentindo a Animação - SÉTIMO ANO - Com áudio descrição
<https://www.youtube.com/watch?v=gfu1Ev3omCQ>

Stop Motion - Sentindo a Animação - OITAVO ANO - Com áudio descrição
<https://www.youtube.com/watch?v=CyaFhcyi0S0>

Stop Motion - Sentindo a Animação - NONO ANO - Com áudio descrição
https://www.youtube.com/watch?v=_1R_mGfOWBI

REFERÊNCIAS

SILVA, A. et al. Inclusão de Estudantes com Deficiência Visual no Ensino Fundamental. *Revista Educação e Realidade*, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/ZcHW3WNByMmz9mVCMRPGJcv/>. Acesso em: 13 dez. 2024.



FREIRE, P. Pedagogia do Oprimido. 17ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

KOTINSKY, H. Acessibilidade e Educação Inclusiva: Práticas Pedagógicas. São Paulo: Editora Universitária, 2021.

VYGOTSKY, L. S. Fundamentos de defectología. LaHabana: Pueblo y Educacion, 1989. (Obras Completas, tomo 5).

AS INTERVENÇÕES DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA

MARILENA WACKLER¹

RESUMO

Este artigo tem como propósito analisar as ações possíveis de serem realizadas por um profissional da área de Educação Física. Atualmente, os educadores têm sido alvo de críticas em relação tanto aos seus saberes científicos e didáticos, quanto à sua formação e habilidades. A relevância deste estudo se justifica pela necessidade de planejar e ponderar sobre as intervenções de um especialista em Educação Física, com o foco principal na educação completa dos alunos. O papel do professor evoluiu de ser o detentor do conhecimento para ser um facilitador, que auxilia e aprende juntamente com os alunos por meio de ferramentas, onde estes últimos participam ativamente na construção do saber. Torna-se evidente a importância de possuir uma formação acadêmica sólida, que capacite o profissional a guiar seus alunos com conhecimentos contemporâneos e claros, estabelecendo uma relação eficaz e cognitiva com foco no entretenimento.

Palavras-chave: Formação; Habilidades; Intervenções.

INTRODUÇÃO

O professor de Educação Física desempenha um papel crucial na integração social, facilitando interações e relações em diversos cenários, estimulando o trabalho em equipe, a participação e a colaboração entre os alunos. É fundamental ressaltar que o cerne da Educação Física, tanto na escola quanto no ambiente doméstico, deve ser a promoção de hábitos que fortaleçam um estilo de vida saudável.

Tradicionalmente, o esporte tem sido reconhecido como um meio eficaz para cultivar valores de progresso pessoal e social, como a busca pela melhoria, integração, respeito ao próximo, tolerância, aceitação de normas, perseverança, cooperação, superação de desafios, autodisciplina, responsabilidade,

honestidade, lealdade, entre outros. A orientação e apoio de professores, educadores e familiares são essenciais para fomentar e perpetuar tais valores nas pessoas, contribuindo para um desenvolvimento físico, intelectual e social abrangente, e para uma melhor integração na comunidade em que vivemos.

A Educação Física, o esporte e o lazer continuam sendo reconhecidos como ferramentas de grande potencial para o cultivo de valores sociais e pessoais, reforçando sua importância como elementos pedagógicos e formativos, essenciais para promover um estilo de vida saudável.

Compreender a consciência corporal significa reconhecer o corpo como o meio pelo qual o indivíduo adquire habilidades para se relacionar consigo mesmo, com os outros e com

¹ Graduada em Ciências Biológicas pela Universidade São Marcos, USM. Professora de Ensino Fundamental II e Médio na modalidade Ciências na Prefeitura Municipal de São Paulo, SME, PMSP.

o ambiente, refletindo e tendo consciência de suas ações. O corpo se constitui na história, na sociedade, na cultura e na subjetividade, levando em conta o esquema corporal, a imagem corporal e os aspectos simbólicos e sociais.

Por meio da brincadeira e do lazer, pessoas de diferentes idades realizam atividades durante seus momentos de folga, períodos esperados para relaxar tanto fisicamente quanto mentalmente. Em relação ao lazer, é destacado nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de 1997 que:

O lazer desempenha um papel crucial na formação das identidades, tanto individuais quanto coletivas. Sendo o aspecto lúdico uma parte integrante do lazer, ele também contribui para essa construção. No processo de formação das identidades - individuais e coletivas - o lazer se mostra como um espaço particularmente significativo para adolescentes e jovens. (p.117)

Por ser menos estruturado que a família, a escola e o trabalho, o lazer facilita o desenvolvimento de relações sociais e de experimentação, fundamentais nesse processo. Além disso, permite que adolescentes e jovens expressem seus desejos, aspirações e projetem diferentes estilos de vida. Por todos esses aspectos, o lazer emerge como uma das facetas mais relevantes da experiência juvenil.

Considerando que o lazer é uma parte essencial na construção da identidade na adolescência, optamos por usá-lo como um elemento positivo no processo de aprendizagem, pois, assim como é crucial nesse processo, embora imperceptível aos olhos dos jovens, também o é no contexto educacional, ou seja, o indivíduo aprende de maneira prazerosa, já que o aspecto lúdico proporciona essa satisfação. Também é percebido como um meio de desenvolvimento da personalidade e, portanto, tem uma grande relevância na vida social, econômica, política e cultural de uma sociedade como um todo. Dentro desses espaços, a recreação se destaca como um ambiente para vivenciar o aspecto lúdico, ou seja, envolve práticas culturais estabelecidas durante o tempo livre, resultando em atividades recreativas.

O lazer se aproxima do aspecto lúdico; por exemplo, o jogo incorpora esse próprio conceito, o lúdico. O jogo é uma atividade livre, uma diversão (sem obrigatoriedade), delimitada (em um espaço e tempo específicos), incerta (sem resultados precisos), improdutiva (não relacionada ao consumo da sociedade), regulamentada (sujeita a regras) e fundamentada (em um contexto de irrealidade em relação à vida).

Portanto, por meio da brincadeira implica na internalização de virtudes e valores com prazer, sem pressões ou obrigações. Isso permite atingir níveis elevados de crescimento interno, promovendo autoconfiança, autonomia, satisfação, alegria, e contribuindo para o desenvolvimento social, quando realizado durante o tempo livre.

A CONSCIÊNCIA CORPORAL POR MEIO DA EDUCAÇÃO FÍSICA

Compreender a consciência corporal implica reconhecer o corpo como o instrumento pelo qual o indivíduo desenvolve habilidades para se relacionar consigo mesmo, com os outros e com o ambiente, refletindo e tomando consciência de suas ações. O corpo é moldado pela história, pela sociedade, pela cultura e pela subjetividade, levando em conta o esquema corporal, a imagem corporal e os aspectos simbólicos e sociais.

De acordo com Mantovani (2009), a organização motora é essencial para o progresso das funções cognitivas, das percepções e dos esquemas motores da criança. As atividades psicomotoras básicas e sua progressão são determinantes para o aprendizado da leitura e escrita.

Durante as fases de desenvolvimento motor, o indivíduo aprimora habilidades motoras fundamentais de locomoção, equilíbrio e manipulação. Inicialmente, as ações motoras e tarefas são simples, evoluindo gradualmente para atividades mais complexas, tornando o período de zero a seis anos crucial para o repertório motor das crianças. O

desenvolvimento corporal ocorre por meio de ações, experiências, percepções, movimentos, expressões e brincadeiras corporais. Na infância, as experiências e brincadeiras corporais desempenham um papel crucial no desenvolvimento, valorizando o corpo na formação do indivíduo e no processo de aprendizagem. (SOARES. 1995)

Para os seres humanos, o corpo é o principal meio de conhecer e interagir com o mundo, servindo como base para o desenvolvimento cognitivo e conceitual, incluindo a alfabetização. Assim, o desenvolvimento do movimento por meio da psicomotricidade ajuda a criança a adquirir conhecimento do mundo, sendo responsabilidade da escola promover um desenvolvimento global por meio de atividades que conduzam a uma evolução harmoniosa.

Segundo Betti (1991), a psicomotricidade contribui para a alfabetização ao fornecer ao aluno as condições necessárias para um bom desempenho escolar, permitindo que o sujeito se reconheça como uma realidade corporal e possibilite a expressão livre. Para adquirir conhecimento intelectual, é essencial movimentar-se. A inteligência é vista como uma adaptação ao meio, exigindo do indivíduo uma manipulação adequada dos objetos ao seu redor, um processo que deve começar antes mesmo dos primeiros traços de escrita.

É fundamental incentivar o desenvolvimento psicomotor das crianças, pois isso é crucial para facilitar a aprendizagem escolar, uma vez que é por meio da consciência dos movimentos do corpo e da expressão de emoções que elas podem alcançar um desenvolvimento completo.

Diante da crescente preocupação sobre os métodos de alfabetização das crianças, diversas áreas de conhecimento estão pesquisando e buscando maneiras de tornar esse processo mais eficaz. Nesse contexto e considerando os desafios enfrentados por educadores e alunos na aquisição da leitura e escrita, esta pesquisa se concentrará na seguinte

questão: Qual a importância da consciência corporal na aprendizagem da leitura e escrita?

Com o objetivo de promover o desenvolvimento integral da criança, abordando aspectos motores, emocionais, sociais e intelectuais, é crucial facilitar a aprendizagem escolar por meio de atividades que estimulem a consciência dos movimentos corporais e a expressão das emoções.

Para uma escrita satisfatória, é essencial um desenvolvimento motor adequado. Escrever não deve se limitar à decodificação de símbolos, pois o processo de aquisição da linguagem escrita é complexo e anterior ao que é ensinado na escola (GALLARDO, 2003).

O conhecimento envolve um aspecto de ação, que é a realização dos movimentos, e um aspecto figurativo, que é a imagem que se forma no corpo.

A habilidade de esquema corporal e orientação espaço-temporal está intimamente ligada ao desempenho das crianças na escrita, pois é necessário ajustar o tamanho das letras ao local de escrita e compreender que a escrita se inicia de cima para baixo e da esquerda para a direita.

Se atividades e jogos psicomotores que estimulem a consciência corporal e a noção espaço-temporal forem desenvolvidos desde o início da escolarização, o processo de aprendizagem da escrita e leitura será facilitado. Reconhecendo a importância de atividades psicomotoras que estimulem a criança de forma abrangente, é essencial uma maior colaboração com os professores de educação física para desenvolver atividades práticas que contribuam para a aquisição da escrita e leitura.

Com o intuito de promover o desenvolvimento completo da criança, considerando os aspectos motores, emocionais, sociais e intelectuais, é fundamental facilitar a aprendizagem escolar por meio de atividades que estimulem a consciência dos movimentos corporais e a expressão de emoções.

Conforme mencionado por Tisi (2004, p. 13):

O desenvolvimento psicomotor é de extrema importância, uma vez que crianças com um nível mais avançado de desenvolvimento psicomotor e conceitual tendem a alcançar melhores resultados acadêmicos.

Recentemente, o corpo e o movimento passaram a ser integrados ao ambiente escolar através da linguagem artística.

A educação por meio do movimento surge como uma abordagem pedagógica que envolve a organização racional do corpo em torno de seu eixo, servindo como referência para toda a organização espaço-temporal que permite a exploração do mundo. Essa atividade motora exploratória e inteligente organiza de forma sistemática o espaço e o tempo, possibilitando a estruturação do espaço gráfico.

Todas as formas de representação simbólica na faixa etária da educação infantil permitem que a criança comece a deixar sua marca no mundo, demonstrando sua singularidade em evolução.

Sempre nos é dito que é essencial fortalecer o corpo, suar e se exercitar. No entanto, para ficar em forma, muitas vezes recorremos a atividades como andar de bicicleta, utilizar aparelhos de ginástica, correr até ficarmos sem fôlego ou levantar pesos. Isso pode ser limitante. Nossos músculos merecem mais do que essa domesticação forçada. O que realmente precisamos fazer é abrir os olhos e nos esforçarmos para observar nosso corpo, de modo a compreender como ele funciona (BETTI. 1991, p. 2).

À medida que a criança se movimenta de forma mais livre, ela pode se perceber a si mesma e aos objetos no espaço em relação a si mesma, o que lhe permite se orientar nesse espaço e avaliar seus movimentos, buscando adaptá-los ao ambiente.

Durante o brincar, a criança interage com seu corpo de diversas maneiras: arrastando, rolando, arremessando objetos, enchendo e esvaziando recipientes, escondendo-se, caindo, equilibrando-se, saltando, correndo, construindo, destruindo, desenhando, escrevendo e fantasiando.

Conforme Coll (1996, p. 27) destaca:

considerando a importância da ação psicomotora na formação da personalidade da criança, é fundamental um trabalho educativo que promova um melhor desenvolvimento de suas potencialidades.

O desenvolvimento do esquema corporal emerge das experiências vividas pelo indivíduo, baseadas na percepção e no conhecimento que ele tem de seu próprio corpo e de sua relação com o mundo ao seu redor.

De acordo com Le Boulch (1985, p. 75):

O esquema corporal ou imagem do corpo pode ser definido como uma intuição global ou um conhecimento imediato que temos do nosso corpo em repouso ou em movimento, na relação entre suas diferentes partes e, especialmente, na interação com o espaço e os objetos ao nosso redor.

O mundo das crianças pequenas é permeado por racionalidade e afetividade. O movimento é o principal meio de expressão das crianças na Educação Infantil, pois quanto mais jovem a criança, menor é a distância entre a emoção e a ação.

Ao se movimentarem, as crianças conseguem expressar sentimentos, emoções e pensamentos, ampliando as oportunidades de uso significativo de gestos e posturas corporais. Para as crianças pequenas, o movimento vai além de simplesmente mover partes do corpo ou se deslocar no espaço; é uma forma de expressão e comunicação por meio de gestos e expressões faciais, utilizando o corpo como suporte.

Henri Wallon, renomado filósofo francês conhecido por suas pesquisas sobre a psicologia do desenvolvimento, destaca o movimento como o elemento inicial da comunicação e do desenvolvimento humano, conferindo-lhe uma importância crucial no contexto educacional (MANTOVANI, 2009, p. 31 e 32).

Segundo Wallon (1975, p. 125), "o movimento, antes de estabelecer relação com o meio físico, atua primeiramente sobre o meio humano, impactando as pessoas por meio de sua expressividade".

O cuidado com o corpo das crianças pequenas é essencial, pois todas elas necessitam ser educadas de acordo com suas particularidades. Através do movimento corporal, meninos e meninas se expressam, exploram, aprendem e se comunicam.

BRINCADEIRAS E JOGOS

A atividade lúdica desempenha um papel crucial no desenvolvimento sensorial, motor e cognitivo, sendo uma forma inconsciente e eficaz de aprendizado, realizada de maneira prazerosa.

O professor de Educação Física deve atuar como um mediador no processo de ensino-aprendizagem, criando oportunidades para que as crianças explorem seus movimentos, manipulem materiais, interajam com seus colegas e resolvam desafios. Segundo Tisi (2004, p.74):

É fundamental que o professor parta da realidade dos alunos, compreenda suas necessidades e busque alternativas para promover a interação. Durante a fase de mudança, a conscientização é crucial até que se torne um hábito incorporado.

Valorizar a cooperação e a solidariedade é essencial para que as brincadeiras não se tornem apenas competitivas, permitindo que a criança desenvolva autoconfiança ao respeitar suas próprias limitações e possibilidades.

O brincar não deve ser desprovido de regras e conteúdos, mas sim essencial na educação infantil para promover o desenvolvimento motor e mental da criança. O professor pode utilizar o brincar como um recurso pedagógico para facilitar o processo de ensino-aprendizagem.

Conforme Soares (1995, p. 83) destaca:

O educador deve acompanhar a evolução social e cultural de sua comunidade e do mundo, utilizando todas as ferramentas e ideias disponíveis para aprender e ensinar, transformando sua sala de aula no lugar mais encantador do mundo, onde todos se sintam incluídos.

Na educação infantil, a criança começa a lidar com a representação, iniciando brincadeiras

que envolvem o imaginário e o faz-de-conta, em que um simples objeto pode se transformar em algo completamente diferente, dependendo da imaginação e do contexto do jogo.

A brincadeira permite que a criança expresse suas emoções, oferecendo ao professor uma compreensão mais profunda de sua personalidade e auxiliando no desenvolvimento de habilidades de superação de limites e respeito às regras com disciplina.

A utilização de jogos, brincadeiras e brinquedos em diferentes contextos educacionais pode ser um meio eficaz para estimular, analisar e avaliar aprendizagens específicas, competências e potencialidades das crianças. É por isso que os professores da educação infantil e séries iniciais devem proporcionar momentos de jogos e brincadeiras durante o processo de ensino-aprendizagem.

A aprendizagem com características lúdicas busca dinamizar o processo educacional, promovendo a iniciativa dos alunos e a motivação gerada pelo trabalho em grupo. Nesse sentido, a participação do professor nos jogos e brincadeiras dos alunos visa ajudá-los a compreender como podem participar ativamente da aprendizagem e convivência em geral (TENÓRIO E SILVA, 2013, p. 71).

Ao trabalhar com jogos e brincadeiras, o professor pode observar as lacunas que surgem nas crianças durante o processo de ensino-aprendizagem e identificar o que não foi compreendido do conteúdo proposto.

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998) destaca que, por meio das brincadeiras, as crianças utilizam seus conhecimentos prévios para atribuir significados às suas atividades lúdicas e frequentemente agem por imitação.

O professor de Educação Física deve atuar como facilitador das brincadeiras, alternando entre momentos de orientação e direção do processo e momentos em que as crianças são responsáveis por suas próprias brincadeiras.

Apesar dos estudos que evidenciam a eficácia do uso de jogos no ambiente escolar, ainda há resistência por parte de alguns educadores que não acreditam na possibilidade de integrar a brincadeira ao conteúdo pedagógico. Para esses profissionais, brincar e aprender são vistas como instâncias separadas que não devem ocorrer simultaneamente.

Para que a ludicidade tenha um espaço garantido no dia a dia das escolas, é essencial que os educadores atuem de forma vivencialmente lúdica, onde o professor se envolva completamente no momento, sendo alegre e flexível, saindo do papel de mero transmissor de informações e passando a desempenhar um papel crucial como mediador e facilitador das interações entre as crianças.

De acordo com Buss-Simão (2009):

As brincadeiras e atividades lúdicas se tornam aliados e instrumentos pedagógicos valorizados para alcançar os objetivos de construção do conhecimento, permitindo que os alunos sejam participativos e ativos no processo (BUSS-SIMÃO, 2009, p. 28).

O trabalho escolar deve considerar as crianças como seres sociais, e os professores devem orientar seu trabalho de forma a promover a integração construtiva das crianças na sociedade. É essencial instrumentalizar as crianças para que possam construir autonomia, criticidade, criatividade, responsabilidade e cooperação.

Seguindo o pensamento de Tenório e Silva (2013, p. 64):

Nossas crianças aprenderam a movimentarem-se entre as coisas sem esbarrar nelas, a correr sem produzir ruído, tornando-se espertas e ágeis. E sentiam prazer pela própria perfeição. O que lhes interessava era descobrir a si mesmas, as suas possibilidades, e se exercitarem numa espécie de mundo oculto como é o da vida que se desenvolve.

Cabe ao professor proporcionar um ambiente que integre brincadeiras e jogos às atividades escolares cotidianas, criando um espaço propício para a aprendizagem e que promova alegria, prazer, movimento e solidariedade durante o ato de brincar.

O brincar é essencial para o desenvolvimento social, cultural e individual de cada pessoa. Contribui para o aprendizado, preparando indivíduos para viver em sociedade de forma harmônica, sem ameaçar sua existência. Por meio do simbolismo, a brincadeira possibilita ações e intervenções no mundo, fomentando a imaginação, confiança, controle, criatividade, cidadania, lidar com frustrações, cooperação, e melhorando os relacionamentos interpessoais.

A brincadeira é uma porta de entrada para um mundo diferente, permitindo a exploração e reflexão da realidade e cultura em que estamos inseridos. De forma prazerosa e muitas vezes inconsciente, a brincadeira influencia e molda as interações sociais, sem que percebamos a interferência nas normas sociais.

O ato de brincar requer companhia, envolvimento em espaços coletivos, compartilhamento de objetos, empatia ao se colocar no lugar do outro, ensino e aprendizado colaborativo. Essa interação social traz benefícios significativos para o desenvolvimento pessoal e social de cada indivíduo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os componentes da aptidão física abrangem diversas dimensões que podem ser direcionadas para a saúde, atendendo a um público mais amplo, considerando variáveis fisiológicas como potência aeróbica máxima, força, flexibilidade e composição corporal. Por outro lado, a aptidão física também pode ser voltada para as habilidades esportivas, onde variáveis como agilidade, equilíbrio, coordenação motora, potência e velocidade são mais valorizadas, visando o desempenho esportivo.

Nesse contexto, é essencial destacar a importância da intervenção do Profissional de Educação Física nas escolas, sendo essa responsabilidade compartilhada entre o sistema educacional, a escola e os próprios professores.

Para lecionar a disciplina de Educação Física nas séries iniciais, é crucial que o professor

a reconheça como um componente curricular significativo. Isso requer o entendimento da organização dos conhecimentos para desenvolver um currículo de Educação Física eficaz. É fundamental que o profissional saiba como e por que realizar determinadas atividades, além de estar verdadeiramente comprometido com o progresso dos alunos.

Lidar com essas particularidades demanda conhecimento, o qual nem sempre é assegurado nos cursos de formação de Pedagogos e nem sempre é abordado na formação continuada.

Além disso, é importante ressaltar que este estudo não esgota o assunto, pois há espaço para pesquisas adicionais envolvendo outros profissionais. No entanto, esta pesquisa tem o mérito de apontar direções para uma mudança nas práticas da Educação Física nas escolas, visando aprimorar a atuação e impacto desse componente curricular.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BETTI, Mauro. A Educação Física na escola brasileira de 1º e 2º Graus- uma abordagem sociológica. São Paulo; USP, 1991.
- BOULCH, J.L. A educação pelo movimento: a psicocinética na idade escolar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.
- BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Fundamental. Brasília: Ministério da Educação, 1997.
- _____. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental. Referencial Curricular Nacional. Brasília. 1998.
- BUSS-SIMÃO, M. A Dimensão Corporal: Implicações no Cotidiano da Educação da Pequena Infância. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis – SC, 2009.
- Revista Internacional de Investigación en Educación.
- GALLARDO, J. S. P; Educação Física: contribuições à formação profissional. Ijuí: ed. Unijui, 2003.
- COLL, C. [et al.]. Desenvolvimento psicológico e educação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- MANTOVANI, Michelle. Movimento corporal na educação musical: influências de Emile Jaques Dalcroze. 2009. Tese (Mestrado em Música) - Universidade Estadual Paulista. São Paulo.
- SOARES, C. Educação Física Escolar- conhecimento e especificidade. Mimeo, 1995.
- TISI, Laura. Educação Física e a alfabetização. Rio de Janeiro: Sprint 2004.
- TENÓRIO, J. G; SILVA, C. L. Educação Física Escolar e a Não Participação dos Alunos nas Aulas. Artigo Original, Mato Grosso, Ciência em Movimento, 2013. p. 71 - 80.

Ulma Maria da Silva
Isac dos Santos Pereira
(Organização)

Carla Lima Almeida de Couto • Cristiane Ferreira de Souza • Denise Med
Elisabeth Norvalti Marques • Elma Barbosa da Silva Lima
Flávia Maria Corduro Bezerra Consolino • Isac dos Santos Pereira
João Irineu dos Santos • Jôhne Mara Crespo • Jaqueline Oliveira dos Santos
Jeseneide dos Santos Gomes • Maria Aparecida Resalt Biaggi
Maria Pereira Galvão de Souza • Mohamed Barro
Patrícia Mayr da Silva Almeida • Patrícia Tuganelli Loro
Ricardo Celestino da Costa • Rosane Rodrigues da Silva
Tânia Maria Pereira • Thais Thomas Bero

Prof. Dr. Manuel Francisco Neto
(Prefácio)

Retratos da escola atual: a educação em movimento

Retratos da escola atual: a educação em movimento

O FEMINISMO NEGRO: UMA DISCUSSÃO A PARTIR DAS OBRAS DA BELL HOOKS

VANDERSON CRISTIANO DE SOUSA¹

RESUMO

Ao abordarmos questões como o racismo e o feminismo em salas de aulas das escolas públicas, acreditamos ser importante trazer o histórico e a necessidade da intersecção desses temas, e, como consequência, a intersecção das lutas. O presente artigo pretende abordar as questões do feminismo negro para que essa teoria possa ser levada para as práticas escolares. Três obras da autora bell hooks são brevemente discutidas: Não sou eu uma mulher? Mulheres negras e feminismo, de 1981; Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade, de 2017; e O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras, de 2018. Apresentando um feminismo revolucionário – atrelado à luta de classes, hooks apresenta os reais propósitos do movimento feminista: acabar com o sexismo, a exploração sexista e a opressão, por isso a necessidade da intersecção da luta feminista com as lutas antirracista, contra o elitismo e o sistema patriarcal capitalista.

Palavras-chave: Feminismo. Racismo. Machismo. Opressão. Educação.

INTRODUÇÃO

Em um texto escrito em 1988, "Por um feminismo afro-latino-americano", Gonzalez (2011) questionava que havia um esquecimento da temática racial nas leituras dos textos e da prática feminista. Esta autora resgata que a participação das mulheres em movimentos políticos-culturais de resistência contra a exploração de classe e discriminação racial, também as levam a ter consciência da discriminação sexual (GONZALEZ, 2011). A autora aponta sobre as práticas sexistas advindas dos próprios companheiros dos movimentos sociais de luta, que ao reproduzirem as práticas sexistas do patriarcado dominante, excluem as mulheres dos espaços de decisão do movimento.

Segundo Bairros (1995) há duas teorias feministas que procuram superar as limitações

dos conceitos fundamentais. A primeira, de forma bem sucinta seria o feminismo socialista, tendo como base o referencial teórico marxista: o patriarcado é definido a partir de uma estrutura com base material. A segunda teoria, que é a premissa da autora e do presente trabalho é a teoria do ponto de vista feminista:

Segundo essa teoria a experiência da opressão sexista é dada pela posição que ocupamos numa matriz de dominação onde raça, gênero e classe social interceptam se em diferentes pontos. Assim uma mulher negra trabalhadora não é triplamente oprimida ou mais oprimida do que uma mulher branca na mesma classe social, mas experimenta a opressão a partir de um lugar que proporciona um ponto de vista diferente sobre o que é ser mulher numa sociedade desigual racista e sexista (BAIROS, 1995, p. 461)

¹ Mestre em Ciências/Ecologia. Graduado em Ciências Biológicas, Ciências Sociais, Pedagogia. Coordenador Pedagógico, SME, PMSP.

Raça, gênero, classe social e orientação sexual reconfiguram-se mutuamente; e não existe uma identidade única, pois a experiência de ser mulher se dá de forma social e historicamente determinada (BAIRROS, 1995). Além de ajudar a compreender os diferentes feminismos, essa formulação permite pensar em termos dos movimentos negro e de mulheres negras no Brasil.

O feminismo negro é uma das principais expressões da teoria do ponto de vista feminista (BAIRROS, 1995). hooks (2015) afirma que os fatores como classe, raça, religião e orientação sexual criam uma diversidade de experiências que determinam até que ponto o sexismo será uma força opressiva na vida de cada mulher. A autora conclama uma luta feminista em que as mulheres negras reconheçam o ponto de vista especial que a marginalidade oferece para elas, para que possam criticar a hegemonia racista, classista e sexista dominante, criando-se uma contra-hegemonia. Para bell hooks as mulheres não compartilham a mesma opressão, mas precisam se unir em uma luta em comum para acabar com o sexismo - relações baseadas em diferenças de gênero-, o racismo e as opressões classistas (hooks, 1981; 2017; 2018).

No início de sua obra *Ensinando a Transgredir*, hooks (2017, p.10) apresenta as possibilidades limitadas para as jovens negras na sociedade norte-americana quando criança na década de 50: casamento, empregada doméstica, professora escola (ensino básico). O quanto o cenário mudou por lá? E por aqui?

A partir de três obras da bell hooks, pretendemos analisar a discussão sobre as questões do feminismo negro e como essa teoria pode ser levada para as práticas escolares das nossas escolas públicas brasileiras. As três obras da análise são: *Não sou eu uma mulher? Mulheres negras e feminismo*. (1981); *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade* (2017); *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras* (2018). Cabe lembrar que bell hooks é o pseudônimo da Gloria Atwikins, e que se escreve com letras iniciais

maiúsculas por questões de alteridade e políticas da autora.

DESENVOLVIMENTO

Bell hooks teve a sua primeira fase de escolarização em escolas negras, onde aprendeu desde cedo sobre a importância dos estudos e do uso da intelectualidade como ato contra-hegemônico e resistência contra o colonialismo racista (hooks, 2017:10). Suas professoras dessa sua primeira jornada escolar – na escola antes da integração com os brancos - tinham ações pedagógicas que iam de encontro com as sugestões freirianas (Freire, 2011) e que hooks também sugere para a educação: conhecer os alunos e as suas realidades; a contextualização do ensino para que a experiência seja significativa; além de levar as narrativas das próprias experiências para os alunos (hooks, 2017:33, 35). Porém, não eram essas as práticas nas escolas tradicionais que ela passou a frequentar – na escola com os brancos. Dialogando com Paulo Freire, hooks aponta o que aconteceu no seu processo de escolarização após a integração racial, que, em geral, é a práxis da Educação atual: uma educação bancária, pouco crítica e a serviço da dominação – racista, colonizadora.

Para construir um terreno de luta entre os educandos, hooks (2017, p.16-19, 26) reforça a ideia de uma educação que seja libertadora, com salas de aulas movidas pelo entusiasmo e as interações terem que acompanhar as necessidades dos alunos, onde cada um tem que participar e ser valorizado – uma comunidade aberta de aprendizado. Se faz necessário a construção de uma comunidade pedagógica, onde os alunos não sejam consumidores passivos, e para isso é preciso desafiar e mudar o modo como todos, em especial os alunos, pensam sobre os processos pedagógicos, ou seja, antes de envolvê-los nas discussões, temos de ensinar-lhes o processo (hooks, 2017, p.192-193). Por exemplo, ao abordarmos o feminismo em sala de aula, na obra *O feminismo é para todo mundo*, hooks

(2018, p.49) alerta: “Críticas a imagens sexistas sem oferecer alternativas é uma intervenção incompleta. A crítica em si não leva à mudança”. As jovens não vão simplesmente adquirir conhecimento sobre o feminismo ao longo da vida adulta, por isso a necessidade de orientação (hooks, 2018, p.31). É preciso apresentar a teoria, discutir, traçar críticas e soluções de enfrentamento ao sistema opressor que se faz presente, inclusive, no currículo. Gomes (2012) e hooks (2017, p.51; 2018) concordam sobre a necessidade de uma educação que: vise quebrar a “noção de uma única norma de pensamento e experiência”, que seja multicultural, com referências múltiplas, ou seja, que descolonize os currículos. Para hooks (2018, p.37): “A educação pública para crianças precisa ser um local onde ativistas feministas continuem fazendo o trabalho de criar currículos sem preconceitos”.

Porém, estamos longe do ideal: “não criamos escolas fundamentadas em princípios feministas para meninas e meninos, para mulheres e homens” (hooks, 2018, p.37). As teorias e obras que trazem a visão libertadora de transformação feminista ficam restrita às academias e não chegam às massas populares. A mídia patriarcal apresenta uma imagem negativa do feminismo e a visão senso comum do feminismo reformista – utilizado apenas para a mobilidade de classe: igualdades salariais, por exemplo (hooks, 2018, p. 20). Outra visão errada que muitas pessoas têm é que o feminismo é antirreligião (hooks, 2018, p.114). A religião patriarcal fundamentalista consegue fazer o uso das mídias de massas para perpetuar suas mensagens sexistas, além de ser uma barreira para que práticas feministas se espalhem: “Não é possível haver uma verdadeira transformação feminista em nossa cultura sem a transformação das crenças religiosas” (hooks, 2018, p.113-114). A mídia de massa também intensificou o sentimento antifeminista entre os homens ao apelar para a homofobia (hooks, 2018, p. 80). Mas um destaque: apesar de haver preconceito em relação à homossexualidade, o sexismo se sobrepõe novamente: em um determinado contexto apresentado pela autora, a

homossexualidade entre homens era mais aceitável que a lesbianidade (hooks, 2018, p. 103).

Um dos pontos centrais das argumentações de hooks é a fundamentação das nossas práticas atreladas às sólidas teorias. A discussão de partes ou de toda a obra O feminismo é para todo mundo (hooks, 2018) na educação básica das escolas públicas pode ajudar nas problematizações discutidas aqui. Essa obra permite discutir sobre a visão que muitos da sociedade têm sobre o feminismo: um movimento anti-homem e ainda no campo do medo e da fantasia. No decorrer das três obras analisadas aqui, hooks (1981; 2017; 2018) nos convida a refletir sobre os reais propósitos do movimento feminista: acabar com o sexismo, a exploração sexista e a opressão, por isso a necessidade da intersecção da luta feminista com a antirracista, contra o elitismo e o imperialismo (sistema patriarcal capitalista). Ou seja, a autora ao dialogar com um público mais massivo apresenta um feminismo revolucionário - atrelado à luta de classes - enfatizando o sistema capitalista patriarcal como sistema de dominação (hooks, 2018, p.23). O homem também é convidado a fazer parte do movimento feminista, e ao fazer também se liberta das amarras do sistema patriarcal.

Se para a autora “A educação está numa crise grave. Em geral, os alunos não querem aprender e os professores não querem ensinar” (hooks, 2017, p. 23), um paralelo pode ser traçado com os choques dos discursos em nossas sociedades em relação aos movimentos sociais, em especial a luta antirracista: percebemos que muitas pessoas não querem aprender a ser antirracistas e que parte da sociedade aceita esses discursos preconceituosos. Conforme hooks (2017, p. 42-43):

As figuras públicas que mais nos falam sobre a volta dos valores antigos incorporam os males que [Martin Luther] King descreve. São as pessoas mais comprometidas com a manutenção de sistemas de dominação – o racismo, o sexismo, a exploração de classe e o imperialismo. (...) Nos ensinam a crer que a dominação é

'natural', que os fortes têm o direito de governar os fracos e impotentes. O que me espanta é eu, embora tanta gente afirme rejeitar esses valores, nossa rejeição coletiva está longe de ser completa, visto que eles ainda prevalecem em nossa vida cotidiana.

Por isso a necessidade do tipo de educação proposto por hooks, que, em consonância com Freire, pode ajudar a transformar a sociedade: "Educação não transforma o mundo. Educação muda pessoas. Pessoas transformam o mundo" (Paulo Freire). A intersecção das lutas feministas, antirracista e de classe, que são indissociáveis, são reconhecidas na pedagogia radical (hooks, 2017, p.20)

Dos chãos da escola aos dos movimentos feministas, temos um outro paralelo importante. hooks (2017, p.56) aponta que a pedagogia transformadora ocorre quando a sala de aula apresenta um contexto democrático quando todos sintam a responsabilidade de contribuir, todos têm que falar, serem ouvidos; essa premissa esta implícita, ou deveria estar, nos movimentos feministas. Porém, não é isso que aconteceu no surgimento do movimento feminista no Século XIX e que também perdurou até os anos 60, 70, e que detalharemos mais adiante (hooks, 1981): as mulheres negras não foram ouvidas.

É difícil quebrar o paradigma do *modus operandi* das aulas tradicionais. hooks (2017, p.60) relata que era questionada pelos alunos quando falava sobre feminismo em suas aulas de literatura. Mas é preciso persistir. Para ajudar a transformar a sociedade, para enaltecer a importância dos movimentos de luta – antirracista, feministas, anticlassistas, contra LGBTfobias – é muito importante que os professores promovam discussões com os seus alunos. Em suas obras, hooks (2017; 2018) defende que o feminismo tem que ser para as massas, e ao abordar a importância da teoria como prática libertadora, aponta: "(...) nenhuma teoria que não possa ser comunicada numa conversa cotidiana pode ser usada para educar o público" (hooks, 2017, p.90).

A proposta de levar à sala de aula um conhecimento que vem da experiência, e que

todas as vozes dos alunos sejam ouvidas, melhora a experiência de aprendizado, conforme hooks (2017, p.114). E, nesse caso, ajuda a fortalecer um entendimento do porquê devemos combater as múltiplas opressões existentes. Ao falar sobre a construção de uma comunidade pedagógica, hooks (2017:198) nos lembra que uma pedagogia libertadora não se dá simplesmente pela introdução de um assunto radical e mudança do currículo; e que práticas como a inclusão de relatos da experiência pessoal podem ser mais construtivas e desafiadoras.

hooks (2017:166) aponta que muitas mulheres negras nos EUA refutavam o movimento feminista por acharem que já havia a liberdade pelo fato de trabalharem fora, porém na obra *Eu não sou uma mulher?*, hooks (1981) destrincha com maior profundidade os fatores da recusa de parte das mulheres negras em aderir ao movimento feminista. O sentimento anti-negro/racismo e o classicismo sempre foram presentes no movimento feminista desde o seu início - causando um sentimento de suspeita na grande maioria das mulheres negras (hooks, 1981, p. 94,106). Foram esses elementos, e os fins oportunistas das mulheres brancas, que levaram as mulheres negras a rejeitarem o movimento de mulheres, e não a ideologia feminista (hooks, 1981, p.107, 116). hooks desincentiva a separação entre as feministas, pois para ela: "(...) todas as mulheres deviam experienciar afirmação e apoio em grupos racialmente misturados. O racismo é a barreira que impede a comunicação positiva e não é eliminado ou desafiado através da separação" (hooks, 1981, p.109).

Nos EUA as instituições de educação acadêmica não promoveram uma discussão mais profunda sobre o racismo como uma ideologia política (hooks, 1981:87). No Brasil também pouco falamos sobre o racismo estrutural e até pouco tempo atrás o mito da democracia racial era vigente, uma forma de imobilizar as lutas dos movimentos antirracistas. Há contradições existentes apontadas por hooks (1981) nas ações

das professoras do primário nos EUA que ensinam as crianças a abraçarem um país que as dividem e a oprimem. Quando abordamos a necessidade do rompimento das múltiplas opressões, não podemos esquecer de como os valores das classes dominantes são impostos nas escolas por meio de estratégias pedagógicas tendenciosas (hooks, 2017, p.238). O compromisso com a política engajada não abre espaço para o politicamente neutro (hooks, 2017, p.267), e acreditamos essa premissa seja transdisciplinar.

O papel da educação libertadora proposta por hooks (2017) permite que os estudantes reconheçam os seus dominadores e que possam ver a necessidade da intersecção das lutas. Aqui relacionamos com a sua obra anterior, *Eu não sou uma mulher?*:

Como povo negro, a nossa luta contra o imperialismo racial devia ter-nos ensinado que sempre que exista uma relação de dono / escravo, uma relação entre opressor / oprimido, a violência, o motim e o ódio permearão todos os elementos da vida. Não poderá haver liberdade dos homens negros enquanto eles defenderem a subjugação das mulheres negras. Não pode haver liberdade para os homens patriarcas de todas as raças enquanto eles defenderem a subjugação das mulheres. O poder absoluto dos patriarcas não é libertador. (...) A liberdade (...) como igualdade social positiva que garante a todos os humanos a oportunidade de modelar o seu destino na riqueza e produtividade comum, só pode ser uma realidade completa quando o nosso mundo não for mais racista e sexista. (hooks, 1981:85)

hooks (2018, p. 30) alerta que a sororidade feminista – irmandade e apoio mútuo entre as mulheres – só será completo quando o poder de classe e de raça deixarem de serem usados para a dominação de outras mulheres. Por isso é importante entender as diferenças entre o feminismo reformista e o revolucionário:

Surgiram conflitos entre a visão reformista de libertação das mulheres, que basicamente exigia direitos iguais para mulheres dentro da estrutura de classes existente, e modelos mais radicais e/ou revolucionários, que clamavam por uma mudança

fundamental na estrutura existente, para que modelos de reciprocidade e igualdade pudessem substituir antigos paradigmas (hooks, 2018, p.51)

Ao levarmos debates sobre a necessidade da intersecção das lutas, é importante nos debruçarmos sobre a história, aprender sobre o que já superamos, e os limites a serem superados. Partindo dessas premissas, vamos no focar agora em sua primeira obra, *Eu não sou eu uma mulher? Mulheres negras e feminismo*, de 1981. hooks (1981) nos traça uma análise do panorâmica histórico do movimento negro nos EUA. Desde o surgimento do movimento feminista, as mulheres negras perceberam que as mulheres brancas não lhes deram espaço e voz, e que argumentação sobre a realidade brutal do racismo se sobrepôs às questões da opressão sexista (hooks, 1981, p. 05, 12, 99). No início, Sec. XIX, as mulheres negras viam o racismo como um problema maior que o sexismo - ainda que os líderes dos movimentos negros não dessem posições de destaques para ela (hooks, 1981, p. 07, 64-66). Nos meados do Sec. XX, dentro dos movimentos por direitos sociais, elas perceberam que o sexismo as tiravam do protagonismo da luta, inclusive dentro dos próprios movimentos negros: grandes líderes negros apoiavam o patriarcado (hooks, 1981, p. 07,69). Segundo a autora: "O mais forte vínculo entre militantes negros e homens brancos foi o seu sexismo partilhado – ambos acreditavam na inferioridade inerente das mulheres e apoiavam o domínio masculino" (hooks, 1981, p. 72).

O resgate histórico que a autora traz à tona mostra que as mulheres negras escravizadas sofriam duplamente: racismo e sexismo, mas que este último se assomava muito mais (hooks, 1981, p.14). Além de trabalhar no campo, como os homens negros, eram exploradas no ambiente doméstico, criavam animais e eram abusadas sexualmente (hooks, 1981, p.21).

A autora também aponta que os homens negros escravizados imitavam o comportamento do homem branco, e que não eram protetores das mulheres, como sugeriam outros autores.

(hooks, 1981, p. 27). O corpo da mulher negra era utilizado para a procriação, interesses econômicos, era um objeto sexual, era desnudo e chicoteado, sofria retaliações e mutilações causadas pelos interesses das mulheres brancas.

As mulheres negras estavam no patamar mais baixo de todas as opressões. Na luta pelo sufrágio universal, as mulheres brancas demonstraram o seu racismo ao se indignarem porque até os homens negros poderiam ter (certos) direitos políticos e elas não. Esse racismo se perpetuou na negação das necessidades de classe e de raça das mulheres trabalhadoras e negras, e das trabalhadoras negras (hooks, 1981, p. 92, 103). Em relação aos homens negros, a autora contesta as explicações sobre a desmasculinização dos homens negros e sobre as supostas famílias matriarcais, como fatores que poriam a mulher negra em uma suposta posição superior ao homem negro, pelo contrário (hooks, 1981, p. 34, 53). As mulheres negras estão em condições econômicas inferiores aos homens negros, bem como aos homens brancos e mulheres brancas.

A competição pelo trabalho frequentemente desfavoreceu as mulheres negras: os trabalhos considerados pesados e desqualificados para as mulheres brancas – e geralmente menos remunerados – foram ofertados para mulheres negras; e mesmo em cargos semelhantes, as trabalhadoras negras usualmente recebiam salários menores que os das mulheres brancas (hooks, 1981, p.97). hooks (1981, p.98) sintetiza: “Elas fizeram o trabalho mais desinteressante, o trabalho mais servil e de longe o trabalho mais mal pago”.

A necessidade da intersecção das lutas - raça, gênero e classe - também se faz necessário para que sejam rompidos os estereótipos que foram construídos e atribuídos às mulheres negras: sexualmente selvagens, podendo ser violadas como se fossem animais (hooks, 1981, p.36). Mulheres negras foram coagidas sexualmente por seus empregadores brancos: opressão sexista, racista e de classe. Por outro lado, a construção da imagem da “mama” - uma

imagem positiva da mulher negra está relacionada com a de uma figura maternal, sofredora, religiosa - que acaba sendo mais uma manobra para uma completa submissão à vontade dos brancos (hooks, 1981, p.49, 61). Esse falso poder que é atribuído às mulheres negras - a questão da figura matriarcal - é uma das formas rasteiras dos dominadores inibirem a organização da luta contra a opressão sexista-racista (hooks, 1981, p. 59). Ambas as imagens – “a mulher sensual selvagem” e a “mama” - serviram para construir a figura anti-mulher, a depreciação da mulher negra (hooks, 1981, p.62). Ao mesmo tempo, como nos é apontado em O Feminismo para todo mundo, o padrão estético que é valorizado é o da mulher branca e esbelta: “Em filmes, na televisão e em anúncios públicos, imagens de mulheres magrelas, de cabelos pintados de loiro e com aparência de quem mataria por uma bela refeição tornou-se a norma” (hooks, 2018, p. 48).

As mulheres negras, frente aos controles sociais, também passaram a aceitar o papel de subordinação aos homens negros (hooks, 1981, p.131). A dominação do opressor vem através da mídia de massa, que perpetua, através de suas constantes propagandas o ideal da figura feminina branca e a crença que o lugar da mulher é em casa (hooks, 1981, p.127, 131) Até recentemente, ainda que um casamento entre um homem negro com uma mulher branca fosse mais aceitável, havia um esforço para a restrição do casamento entre mulheres negras e os homens brancos, mantendo-se assim a norma patriarcal (hooks, 1981, p.51).

Nem mesmo o movimento feminista, cuja representação de fala nas mídias é a figura da mulher branca e economicamente privilegiada (hooks, 2017; 2018), se esforçou para romper esses estereótipos, mantendo as diferenças entre as mulheres brancas e negras. Nos EUA, após a escravidão, e com o progresso do povo negro, a miscigenação foi uma ameaça aos brancos, e foi estabelecido um “apartheid social”, com uma série de leis e regras para manter a separação das raças (hooks, 1981, p.45).

O apartheid social, a existência de grupos como o Ku Klux Klan e os ataques ao povo negro, também contribuíram para que mulheres negras ativistas passassem a se focar mais na resistência ao racismo (hooks, 1981, p.124). Além do mais, a luta das feministas com foco no mercado de trabalho, afastou as mulheres da classe trabalhadora, como as mulheres negras, pois estas já sabiam que o salário recebido não iria libertá-las e também teriam enxergado o direito de ficar em casa como liberdade (hooks, 2018, p.52).

Não haverá uma luta conjunta contra o racismo enquanto homens negros e mulheres negras apresentarem tensões em suas relações, devido ao sexismo e opressão sexista: "Lutar contra a opressão sexista é importante para a libertação dos negros, porque se o sexismo divide as mulheres negras e os homens não podemos concentrarmos as nossas energias resistindo ao racismo" (hooks, 1981, p. 84)

A teoria do feminismo ensinado e debatido em sala de aula tem ligações com o cotidiano dos jovens, principalmente das jovens. A gravidez indesejada de muitas alunas, suas amigas ou parentes; a falta de informação sobre os métodos contraceptivos; a cultura do estupro - o sexo não consentido presente em festas; a constante ameaça de abusos sexuais; além da submissão e preconceitos que essas meninas sofrem por seus colegas, são temas que devem ser abordados na escola, de forma transdisciplinar. O histórico da escravidão e suas consequências, a geografia do tráfico de mulheres, a territorialidade, os efeitos dos abortos e do uso constante das pílulas anticoncepcionais nos corpos das mulheres podem ser temas das disciplinas de História, Geografia, Biologia, Literatura/Língua Portuguesa, Artes, etc.

A questão de classe mais uma vez se intersecciona com a questão sexista e racista. Temas como o biopoder (controle do Estado, ou ausência, sobre os corpos) e de classe relacionadas à temática do aborto podem ser discutidos nas disciplinas de Sociologia e

Filosofia nas escolas públicas:

Mas há uma multidão de mulheres que não tem poder de classe. Mais mulheres do que nunca estão entrando para as estatísticas de pessoas pobres e indigentes. Sem direito a abortos seguros, baratos ou gratuitos, elas perdem todo o controle sobre o corpo. (hooks, 2018, p.43)

A educação libertadora e engajada precisa lutar contra a falta de informação e ausência (intencional) do Estado. Temos um "sistema médico patriarcal capitalista dominado por homens, que controlava o corpo das mulheres e fazia com elas qualquer coisa que quisesse fazer" (hooks, 2018, p. 42). É preciso esclarecer para todos – começando nas escolas – sobre as informações vitais para a saúde da população, como aquelas relacionadas com essa discussão:

Enquanto a questão do aborto foi e permanece relevante para todas as mulheres, houve outras questões reprodutivas que eram tão vitais quanto, que precisavam de atenção e poderiam ter servido para incentivar multidões. Essas questões iam desde educação sexual básica, controle pré-natal, medicina preventiva – que ajudassem mulheres a compreender como o corpo funciona – à esterilização forçada, cesarianas desnecessárias e/ou histerectomias e as complicações médicas que esses procedimentos causavam. (hooks, 2018, p. 41)

E educação libertadora promove debates para o conhecimento e o engajamento dos estudantes nas lutas. Em contrapartida, o aumento do fundamentalismo religioso reforça os ataques às muitas pautas feministas, como os direitos reprodutivos, por entender que a iniquidade entre homens e mulheres é "natural" e que o controle do corpo feminino é necessário (hooks, 2018, p. 115).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo das três obras analisadas aqui, hooks ressalta a importância da intersecção das lutas e dos movimentos feministas, antirracistas e anticlassistas. A obra *Eu não sou uma mulher negra?*, nos traz aportes teóricos e históricos para compreendermos a história do feminismo negro (norte-americano) e podermos realizar os

debates com os alunos de nossas escolas públicas. Em *O feminismo é para todo mundo*, hooks aponta que o feminismo precisa ser global, só assim podemos acabar com o sistema patriarcal capitalista e com todas as suas opressões. Por fim, em *Ensinando a transgredir*, hooks nos toca com seus relatos e experiências pessoais, nos incentivando a levar uma educação libertadora para as salas de aula, e também a sermos professores que não tenhamos medo de nos expor como indivíduos antes de mais nada; pois não existe posicionamentos neutros. A forma como ela escreve, é a forma como devemos levar os debates para a sala de aula: que a transmissão da teoria seja acessível para todos e que possamos acolher todas as experiências dos alunos, a dos oprimidos e a dos opressores que queiram se desconstruir como tais. Esperamos, tendo como ponto de partida as obras de hooks, que os professores também possam se debruçar sobre outras pensadoras feministas, em especial as pensadoras negras brasileiras. A teoria é muito importante para a nossa libertação, e hooks tem um pensamento muito alinhado com o Paulo Freire: devemos sempre refletir para agir, e ao agir, devemos refletir sobre o nosso agir, para mudar as nossas ações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAIROS, Luíza. Novos Feminismos Revisitados. *Revista de Estudos Feministas*, (UFSC. Impresso), Florianópolis, vol. 3, nº2, 1995. p.458-463
- GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afrolatinoamericano. *Cadernos de Formação do Círculo Palmarino*, n. 1. 2011. p.12-20
- HOOKS, Bell. Não sou eu uma mulher? Mulheres negras e feminismo. 1 ed. 1981. Tradução livre para a Plataforma Gueto. 2014. Livro acessado em: https://plataformagueto.files.wordpress.com/2014/12/nc3a3o-sou-eu-uma-mulher_traduzido.pdf
- HOOKS, Bell. Mulheres Negras: moldando a teoria feminista. *Revista Brasileira de Ciência Política*, nº16. Brasília. 2015. p.193-210
- HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. 2 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes. 2017.
- HOOKS, bell, *O feminismo é para todo mundo* [recurso eletrônico]: políticas arrebatadoras. Tradução Ana Luíza Libânio. 1. ed. - Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.
- Freire, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo, Paz e Terra. 2011

O DESENHO E AS INTERVENÇÕES DA PSICOPEDAGOGIA

WIVIAN LINARES DE SOUZA¹

RESUMO

O propósito deste artigo consiste em examinar a relevância da ilustração e os aportes da expressão artística para a Psicopedagogia. A aplicação de abordagens artísticas para abordar distúrbios psicológicos e aprimorar o bem-estar psicológico é reconhecida como terapia artística. A metodologia adotada nesta pesquisa baseia-se em estudos bibliográficos, que contam com a concordância de autores especializados no assunto em pauta. A conclusão extraída deste estudo revelou que a arte e o ato de desenhar podem ser empregados por profissionais de Psicopedagogia como uma forma terapêutica, utilizando uma técnica fundamentada na crença de que a expressão criativa pode fomentar a cura e a saúde mental. A eficácia de uma terapia reside na sua utilidade para o indivíduo. Isso implica que não há uma intervenção terapêutica definitiva superior a outra. Alguns métodos de aconselhamento em saúde mental exibem atualmente índices de sucesso estatisticamente superiores, porém a eficiência de uma terapia varia de acordo com a preferência pessoal de cada indivíduo. A terapia artística emerge como uma alternativa popular à terapia de conversação convencional, onde a arte é empregada como uma ferramenta para auxiliar o indivíduo a explorar suas emoções, a refletir sobre elas e a comunicar seus pensamentos e sentimentos. Especificamente, este artigo busca compreender de que maneira a prática do desenho pode contribuir para a análise do desenvolvimento infantil. Além disso, almeja refletir sobre a arte como uma forma terapêutica e, por fim, ponderar sobre a arte e o desenho como veículos de expressão utilizados por profissionais de Psicopedagogia.

Palavras-Chave: Cura; Bem-Estar Mental; Terapia.

INTRODUÇÃO

A expressão visual, assim como o ato de desenhar, apresentam-se como ferramentas valiosas para observar as manifestações psicológicas das crianças, sendo recursos aplicáveis no âmbito da Psicopedagogia. A utilização de técnicas artísticas para identificar estados psíquicos revela-se particularmente eficaz na abordagem de sentimentos e emoções reprimidas.

Um exemplo contemporâneo é a Arteterapia, que se define como a prática

terapêutica do fazer artístico, realizada sob a supervisão de um profissional, por indivíduos que enfrentam doenças, traumas ou desafios pessoais, bem como por aqueles que buscam crescimento pessoal. Através da produção artística e da reflexão sobre os processos e resultados artísticos, os participantes podem aprimorar a autoconsciência, enfrentar sintomas, estresse e eventos traumáticos, desenvolver habilidades cognitivas e desfrutar das gratificações proporcionadas pela arte.

Conforme abordado por Andrade citado por Federizzi (2011):

¹ Licenciatura em Pedagogia, pela Unisant'anna. Licenciatura; Bacharelado em Educação Física e Pós-graduação em Psicopedagogia Clínica e Educacional, pela Universidade Nove de Julho, UNINOVE. Pós-graduação em Libras, pela FMU. Pós-Graduação em Neuropsicologia, pela FAMESP. Pós-graduação em Ludopedagogia, pela Faculdade Campos Elíseos, FCE. Professora de Educação Infantil e Ensino Fundamental I na Prefeitura Municipal de São Paulo, SME, PMSP.
E-mail: wivianls@gmail.com

A arte constitui um meio singular e inovador para expressar a síntese interpretativa da experiência pessoal. Essa expressão resulta da interação entre processos conscientes e inconscientes de apreensão do mundo externo e sua repercussão no mundo interno do indivíduo. O ato criativo e sua materialização tornam-se veículos para a tentativa de reconciliar a percepção da realidade objetiva com a compreensão individual dessa realidade. (ANDRADE apud FEDERIZZI, 2011, p.70)

A arteterapia e o desenho auxiliam crianças, adolescentes e adultos a explorar suas emoções, elevar a autoestima, controlar vícios, reduzir o estresse, aliviar sintomas de ansiedade e depressão, e lidar com condições físicas ou deficiências. A expressão artística permite que os indivíduos analisem tanto a obra resultante quanto seus sentimentos em relação a ela. Trata-se de um processo reflexivo que ajuda as pessoas a identificarem temas subjacentes às suas ações, pensamentos e emoções.

A premissa central da arte é que a criação fomenta a expressão pessoal e, por conseguinte, exerce um efeito terapêutico sobre aqueles que buscam apoio psicopedagógico e desejam aprofundar sua compreensão acerca da própria personalidade. Ao combinar abordagens psicoterapêuticas variadas com as artes visuais, busca-se reconhecer e aliviar questões psicológicas.

Os objetivos fundamentais da Arteterapia abrangem a utilização da arte como meio para promover melhorias nos âmbitos social, físico, psicológico e pessoal, estimular a criatividade, facilitar o autoconhecimento e o desenvolvimento pessoal, e fortalecer a autoestima e o ego. É essencial que as técnicas artísticas empregadas na Arteterapia sejam acessíveis, os materiais simples de usar e que se adaptem sempre às necessidades individuais das pessoas (DIEZ; MANPASO, 2011, p.101-102).

Tanto a arteterapia quanto o desenho têm o potencial de auxiliar no enfrentamento de diversas dificuldades psicológicas, beneficiando adultos e crianças. Ao incentivar os indivíduos a se expressarem artisticamente, os terapeutas podem identificar de forma mais eficaz questões

relacionadas ao estresse, ansiedade, autoestima e depressão.

É importante ressaltar que a arteterapia não requer habilidades artísticas específicas, uma vez que o foco está no processo de expressão em si, e não no resultado final. O propósito desse tipo de terapia é discernir as conexões subjacentes que ligam as emoções e as obras de arte de um indivíduo, especialmente quando tais conexões são inconscientes e complexas.

O papel da Arteterapia consiste em explorar essa função da atividade artística para promover um equilíbrio psicológico aprimorado, domínio corporal, capacidade intelectual e também o desfrute espiritual, em uma interação mais flexível e dinâmica com o mundo e com os outros (ORMEZZANO; TORRES apud FEDERIZZI, 2011, p.65).

A utilização da expressão artística como forma de terapia oferece diversos benefícios. Através da aplicação de diferentes técnicas artísticas, é possível identificar pensamentos e emoções que são traduzidos de forma inconsciente em diversas formas, cores e texturas, auxiliando aqueles que buscam aprimorar seu bem-estar mental.

O ESTÍMULO DAS HABILIDADES INDIVIDUAIS

A arte desempenha um papel crucial no estímulo das habilidades individuais, no desenvolvimento da criatividade e na expressão única de cada pessoa. Ela serve como um meio para alcançar a satisfação pessoal e evoluir no aspecto individual.

Historicamente, a relação entre arte e educação passou por diversas transformações ao longo das épocas. Embora essa ligação tenha evoluído ao longo do tempo, ainda persiste uma visão limitada de seu uso no campo educacional. Foi somente com o advento da psicologia como disciplina que a originalidade e a expressão passaram a ser valorizadas, habilidades que foram reconhecidas como essenciais pelos educadores.

Conforme destacado por Jiménez (2011), a partir do século XVII, renomados psicólogos e pedagogos como Juan Amos Comenius, John Locke e JJ Rousseau perceberam que a arte poderia servir como um elemento educativo, enfatizando seus valores artístico-criativos-emocionais e psicopedagógicos de expressão-comunicação. Eles defendiam a ideia de que a arte, sendo uma forma de mídia, deveria ser aprendida por todos, da mesma forma que se aprende a linguagem oral e escrita.

No entanto, as mudanças significativas e positivas não foram claramente percebidas até a primeira metade do século XIX, quando os sinais artísticos foram reconhecidos como uma forma de "livre expressão, e não a repetição inútil de cânones estereotipados" (Jiménez, 2011, p. 10). Foi nesse período que se evidenciou que a arte tem um impacto positivo ao desenvolver competências sociais, físicas e psicológicas, assim como promover um verdadeiro crescimento da autoestima e autoconceito.

Nos tempos contemporâneos, marcados por mudanças rápidas e complexas, é essencial adotar uma abordagem inovadora na formação de crianças e jovens. Isso inclui a incorporação de técnicas educacionais que estejam alinhadas com a dinâmica desses tempos, bem como a introdução de práticas que ofereçam uma visão atual e realista do mundo, incentivando a descoberta, compreensão e resolução dos desafios cotidianos.

A arte desempenha um papel fundamental como instrumento para a expressão estética social e sua integração educativa, colaborando na formação de uma consciência social comprometida com as questões populares, como destacado por Berdejo e Urbina (2018). Ela também é vista como uma ferramenta direta para abordar e solucionar problemas sociais e culturais no ambiente em que se insere.

Atualmente, ao abordar a arte e sua relação com a educação, é comum limitar o pensamento ao campo da educação artística, muitas vezes restringindo seus benefícios a aspectos educacionais gerais, sem considerar sua importância como produtora de cultura.

No entanto, a educação artística desafia e transforma os indivíduos na construção de conhecimento, contribuindo para o desenvolvimento de capacidades cognitivas, expressivas e relacionais específicas. Dentro desse contexto de arte-educação, a arte e a cultura são fundamentais para o processo educativo, estimulando a reflexão crítica e a transformação da realidade circundante.

Essa crescente valorização da arte na educação demonstra a importância que esse campo vem gradualmente adquirindo. Agir de maneira diferente é essencial para viver e conviver no mundo contemporâneo, desenvolvendo habilidades criativas e promovendo a inclusão social em crianças e jovens. É por isso que a arte deve ser considerada uma oportunidade significativa para ser, criar e transformar a realidade, sendo cada vez mais evidente a necessidade de incorporar a arte não apenas nas escolas, mas em todas as esferas sociais.

Quanto ao desenho como forma de expressão, de acordo com o desenvolvimento cognitivo identificado por Jean Piaget (1954) na fase Pré-Operatória (dos 2 aos 7 anos), as crianças começam a se desenvolver cognitivamente. Piaget enfatiza que o desenho reflete a forma como uma criança pensa, interpreta e representa o mundo ao seu redor. Portanto, o ato de desenhar é a maneira pela qual a criança expressa suas experiências vividas ou transmitidas, permitindo-nos compreender seu processo de desenvolvimento.

O uso do desenho na psicopedagogia é uma prática comum para analisar o desenvolvimento do processo educativo e avaliar programas de educação em saúde. Através do ato de desenhar, as crianças começam a criar e recriar, utilizando essa forma de expressão para manifestar seus medos, angústias, ou até mesmo para representar experiências positivas e especiais que tenham vivenciado. Acredita-se que por meio dos desenhos feitos pelas crianças é possível ter insights sobre seu mundo interno e personalidade, transmitindo aspectos que

muitas vezes não podem ser expressos verbalmente.

O ato de desenhar é descrito como uma forma de "presentear" diferenças e momentos vividos tanto interna como externamente; é um ato de submeter à ordem, de desafiar o estabelecido, de ser inquieto e perturbador da ordem convencional, construindo assim uma vida singular e atenta às infinitas possibilidades. (FRANGE, 1995, p. 19).

Quando a criança desenha, ela utiliza seu corpo, conhecimentos, sentimentos, vivências, reflexões e outros elementos que a constituem, interagindo de forma subjetiva e momentânea com o material de desenho, revelando seus anseios e pensamentos.

Ao longo da história, muito se estudou sobre a evolução do ser humano em termos de sua comunicação e de como sua capacidade intelectual foi transformada para atender à necessidade inata de expressar pensamentos, experiências, desejos, dúvidas, ideias e incertezas, permitindo assim a socialização e interação com os outros.

Os registros históricos indicam que há mais de 35.000 anos, nossos ancestrais utilizavam desenhos para se comunicar, deixando registros de suas atividades, crenças e cultura. Atualmente, o desenho continua sendo uma técnica amplamente utilizada pela humanidade, sem distinção de raça, sexo ou idade.

O desenho é considerado uma forma de arte e comunicação, sendo a arte de representar graficamente, capturando os contornos de um objeto real ou ficcional. Além disso, como uma forma de comunicação intencional, o desenho é uma linguagem universal que facilita a descrição de algo oculto e revela o pensamento do autor.

Ao desenhar, são necessárias decisões e o ato de desenhar é visto como uma forma de posse e revelação. Ao desenhar, nos apropriamos do objeto desenhado, revelando-o e respondendo a qualquer estagnação criativa. (DERDYK, 1989, p.24).

Os desenhos feitos por crianças e adolescentes refletem suas particularidades, proporcionando diferentes interpretações do que desejam expressar. São ferramentas úteis

para avaliar seu nível mental, comunicação e afeto. A maneira como seguram o lápis e as características dos desenhos podem mostrar aspectos de suas personalidades, como autoestima e confiança.

O desenho, como linguagem, exige uma postura global. Desenhar não se resume a copiar formas e figuras, mas é uma tentativa de se aproximar do mundo, conhecer e se apropriar dele. Representações onde partes importantes são omitidas ou distorcidas podem indicar dificuldades ou conflitos nas relações interpessoais.

A evolução do desenho em crianças passa por diferentes fases de acordo com seu neurodesenvolvimento, desde os rabiscos iniciais até representações mais complexas na adolescência, refletindo não apenas suas habilidades motoras, mas também seu desenvolvimento cognitivo e emocional.

As fases do desenvolvimento do desenho em crianças, conforme descritas por autores como Derdyk (1989) e Piaget (1954), mostram a progressão das habilidades artísticas e cognitivas ao longo da infância e adolescência.

Fase dos Rabiscos:

Descida descontrolada (2 a 2 anos): Nesta fase inicial, a criança cria detalhadamente com motricidade fina, explorando e se divertindo.

Rabisco descontrolado (cerca de 30 meses): Aqui, a compreensão da relação entre lápis e papel se desenvolve, junto com a coordenação óculo-manual.

Rabisco com um nome (3 a 4 anos): A criança tenta dar sentido às suas expressões artísticas, implementando intencionalmente elementos.

Fase Pré-Esquemática (4 a 7 anos): Busca-se formas definidas através do agrupamento de figuras geométricas para representar pessoas, objetos e lugares.

Fase Esquemática (7 a 9 anos): Formas mais definidas são identificadas, figuras são detalhadas e a relação com o espaço se torna mais evidente.

Realismo (9 a 12 anos): As representações se aproximam mais do real, considerando dimensões, luz e sombras.

Representação Espacial (após 13 anos): Detalhes e características dos desenhos humanos tornam-se mais importantes.

Os desenhos não são apenas expressões artísticas, mas também promovem o desenvolvimento de habilidades motoras, cognitivas e criativas nas crianças. A integração desses processos psicológicos e motores ajuda a alcançar marcos importantes de desenvolvimento, como coordenação olho-manual e motricidade fina.

Essas atividades sensoriais estimulam a imaginação, a criatividade e o desenvolvimento global da criança, permitindo que ela seja protagonista de seu próprio processo de formação. O uso de diferentes materiais artísticos, como lápis, tintas e papel, contribui para o desenvolvimento de funções perceptivas e cognitivas complexas, como memória e inteligência espacial, influenciadas pelo ambiente em que a criança cresce.

O desenvolvimento artístico por meio do desenho desempenha um papel crucial na formação das habilidades sociais e emocionais das crianças, contribuindo para a construção de relações solidárias, facilitando a interação social com familiares e promovendo ações positivas em uma educação humanizada.

Expressar emoções, sentimentos e sensações por meio do desenho permite que as crianças transformem tristeza e angústia em atitudes otimistas, visualizando seus desejos e projetos para o futuro. Essa forma de expressão não só reforça o sentido da vida, mas também desenvolve estratégias de resiliência que favorecem o crescimento psicológico, motor, intelectual e afetivo.

A originalidade e criatividade cultivadas através do desenho capacitam as crianças a afirmar suas opiniões e construir autonomia, promovendo o amadurecimento de suas formas de pensar, compreender e personalidade. Em

ambientes educativos, a exploração do conhecimento por meio do desenho fortalece o diálogo, a escuta e a compreensão das diferenças entre os pares, contribuindo para o desenvolvimento integral das crianças.

Além disso, a prática do desenho consolida a autoestima, promovendo autoconfiança e organização, refletindo-se em expressões positivas nos desenhos. As crianças veem o desenho como uma forma de brincar, permitindo-lhes expressar livremente suas ideias e emoções, enquanto constroem habilidades técnicas e cognitivas.

Os resultados apresentados neste contexto são relevantes para psicopedagogos, professores e profissionais interessados no uso terapêutico do desenho e da arte no desenvolvimento infantil. A utilização do desenho como ferramenta de observação e avaliação emocional e afetiva pode ser especialmente valiosa para entender o processo de aprendizagem de crianças com dificuldades, destacando a importância do desenvolvimento da capacidade representativa e das imagens mentais na evolução do pensamento e do comportamento infantil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A arte e o desenho têm desempenhado um papel fundamental na história, sendo formas de expressão e comunicação que atravessam todas as atividades humanas. Ao longo do tempo, essas formas de expressão evoluíram para as diversas manifestações artísticas que conhecemos hoje.

Arquitetura, música, dança, escultura, pintura e teatro de diferentes épocas enriquecem nossas vidas, oferecendo insights sobre o passado e o presente. A arte é considerada uma linguagem universal, capaz de transcender barreiras culturais e comunicar emoções e ideias de forma poderosa.

Filósofos, artistas, psicólogos e educadores ao longo da história contribuíram com diversas concepções sobre a arte. Ela foi

interpretada como um meio de liberar energias, uma atividade prazerosa, uma forma de escapismo, uma busca pela ordem e harmonia, uma ferramenta para aprendizagem emocional motivadora e até mesmo como um questionamento das normas estabelecidas.

Neste contexto, as artes plásticas e o desenho têm sido reconhecidos como ferramentas valiosas para os psicopedagogos durante o processo de avaliação psicopedagógica. Através da expressão artística, as crianças podem comunicar emoções, pensamentos e experiências de uma forma única, permitindo aos profissionais uma compreensão mais profunda de seu mundo interno e de suas necessidades educacionais e emocionais.

Portanto, a integração das artes visuais e do desenho no campo da psicopedagogia pode enriquecer as práticas de avaliação e intervenção, proporcionando um espaço para a expressão criativa e a reflexão, e contribuindo para um entendimento mais holístico e sensível do desenvolvimento e das necessidades das crianças.

REFERÊNCIAS

- BERDEJO, C. e URBINA, S. (Coords.). Arte. Guardião da Memória. (1 edição). Guadalajara, Jalisco, México: Universidade de Guadalajara. 2018.
- DERDYK, Edith. Formas de pensar o desenho: desenvolvimento do grafismo infantil. São Paulo: Scipione, 1989.
- DIEZ, Noemí Martínez e MAMPASO, Ana. São necessárias as oficinas de Arteterapia no âmbito educativo. Novas técnicas nas oficinas de Arteterapia. In: Ormezzano, G. (org.). Educar com Arteterapia: Propostas e desafios. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2011. p.87-112.
- FEDERIZZI, Roberta Bassani. Quando a arte chega àqueles que estão à margem de tudo e longe de muitos. In: Ormezzano, G. (org.). Educar com Arteterapia: Propostas e desafios. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2011. p.65-86.
- FRANGE, Lucimar Belo P. Por que se esconde a violeta? isso não é uma concepção de desenho, nem pós-moderna, nem tautológica. São Paulo: ANNABLUME, 1995.
- JIMÉNEZ, C. G. A importância da educação artística na formação integral do aluno. Campeche, México: Universidade Pedagógica Nacional. 2011.
- PIAGET, Jean. A construção da realidade na criança. Nova York: Livros Básicos. 1954.
- PULEO Rojas, Elda Marisol. La evolución del dibujo infantil: Una mirada desde el contexto sociocultural meridiano. Universidad de Los Andes, Facultad de Humanidades y Educación, Escuela de Educación. , ISSN-e 1316-4910, , págs. 157-170. Idioma: Español. Traduzido livremente por mim.

1º Ano B

EMEB Professora Maria Eulalia Nobre Borges

Rosemary Nunes Gomes
(Org)

OMAR DE AMORA E PETEQUINHA



Revista a EVOLUÇÃO
Ano V, nº. 56, Dez. 2024
ISSN 2675-2573

Yara Amanda de Jesus Abreu

RESPIRANDO MÚSICA:
Cantos e encantos dessa Arte na escola

LANÇAMENTO
Pedagogia de Projetos

www.primeiraevolucao.com.br

ORGANIZAÇÃO:

Manuel Francisco Neto
Vilma Maria da Silva

AUTORES(AS):

Dameres Floriano Nunes Gonçalves
Edneia Machado de Alcântara
Fabiana Maria Alves Solla Di Lessolo
Mariana Moi Bonfim Jongbloets
Marilena Wackler
Vanderson Cristiano de Sousa
Wivian Linares de Souza



<https://doi.org/10.52078/issn2675-2573.rpe.56>



Produzida exclusivamente com utilização de softwares livres



Platform &
workflow by
OJS / PKP

www.primeiraevolucao.com.br

